



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

**JEFFERSON FERNANDES DANTAS**

**MAMUCABAS, TEARES E FIOS:** a produção têxtil de rede de dormir como  
identidade, transmissão de saberes e sociabilidade em São Bento/PB

SANTARÉM-PA

2023

JEFFERSON FERNANDES DANTAS

**MAMUCABAS, TEARES E FIOS:** a produção têxtil de rede de dormir como identidade, transmissão de saberes e sociabilidade em São Bento/PB

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade (PPGCS), da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Ciências da Sociedade.

**Área de Concentração:** Sociedades Amazônicas, Sistemas Culturais e Sociabilidades.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Ramos

SANTARÉM-PA

2023

JEFFERSON FERNANDES DANTAS

**MAMUCABAS, TEARES E FIOS:** a produção têxtil de rede de dormir como identidade, transmissão de saberes e sociabilidade em São Bento/PB

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade (PPGCS), da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Ciências da Sociedade.

**Área de Concentração:** Sociedades Amazônicas, Sistemas Culturais e Sociabilidades.

Conceito:

Dissertação aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Ramos  
(Orientadora – UFOPA)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ednea do Nascimento Carvalho  
(Membro Interna - UFOPA)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roberta Sá Leitão Barboza  
(Membro Externa - UFPA)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento  
(Membro Externa - UFPB)



**Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA**  
**Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação**  
**Tecnológica**  
**Instituto de Ciências da Sociedade**  
**Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade**  
**Mestrado Acadêmico em Ciências da Sociedade**



**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ao vigésimo quinto dia do mês de abril do ano de dois mil e vinte e três, às duas horas e trinta minutos, no campus de Santarém da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Unidade Tapajós, via google meet, instalou-se a banca examinadora de dissertação de mestrado do aluno **Jefferson Fernandes Dantas**. A banca examinadora foi composta pelas professoras Dra.Ednéa do Nascimento Carvalho (UFOPA), examinadora interna, Dra. Roberta Sá Leitão Barboza (UFPA), examinadora externa, Dra.Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento (UFPB), examinadora externa, e pela professora Dra.Carla Ramos (UFOPA), orientadora. Deu-se início aos trabalhos, por parte da orientadora, que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, passou de imediato ao mestrando para que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada **MAMUCABAS, TEARES E FIOS: a produção têxtil de rede de dormir como identidade, transmissão de saberes e sociabilidade em São Bento/PB**, marcando um tempo de vinte minutos para a mesma. Concluída a exposição, a Profa. Carla Ramos, presidente da sessão, passou a palavra às examinadoras, para arguirem o candidato. Após as considerações sobre o trabalho em julgamento, foi **aprovado** o candidato, conforme as normas vigentes na Universidade Federal do Oeste do Pará. A versão final da dissertação deverá ser concluída no prazo de trinta dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora e constante na folha de correção anexa, sob pena do candidato não obter o título se não cumprir as exigências acima. Para efeito legal segue a presente ata assinada pela professora orientadora, pelas professoras avaliadoras e pelo mestrando.

**Prof. Dr<sup>a</sup>. Carla Ramos (Orientadora)**

Documento assinado digitalmente

 CARLA RAMOS  
Data: 04/05/2023 18:08:31-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ednea do Nascimento Carvalho - UFOPA**

Documento assinado digitalmente

 EDNEA DO NASCIMENTO CARVALHO  
Data: 04/05/2023 16:41:41-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profa.Dr<sup>a</sup>. Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roberta Sá Leitão Barboza - UFPA**

Documento assinado digitalmente

 ROBERTA SA LEITAO BARBOZA  
Data: 27/04/2023 10:44:40-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento – UFPB**

Documento assinado digitalmente

 GEYSA FLAVIA CAMARA DE LIMA NASCIMEI  
Data: 27/04/2023 10:22:29-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Jefferson Fernandes Dantas (Mestrando)**

Documento assinado digitalmente

 JEFFERSON FERNANDES DANTAS  
Data: 26/04/2023 18:44:38-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

---

D192m Dantas, Jefferson Fernandes  
MAMUCABAS, TEARES E FIOS: a produção têxtil de rede de dormir como identidade, transmissão de saberes e sociabilidade em São Bento/PB. / Jefferson Fernandes Dantas. – Santarém, 2023.  
87 p. : il.  
Inclui bibliografias.

Orientadora: Carla Ramos.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, Instituto de Ciências da Sociedade. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade.

1. Redes de dormir. 2. São Bento/PB. 3. Identidade. 4. Trajetórias. 5. Memórias. I. Ramos, Carla, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 746098133

---

Bibliotecária - Documentalista: Cátia Alvarez – CRB/2 843

Dedico às mulheres de minha família que por meio da fabricação da rede dormir conseguiram construir memórias e trajetórias que puderam ser e dar voz a esta pesquisa, em especial a minha mãe-avó Nice (em memória).

## AGRADECIMENTOS

Poder entregar esta dissertação concluída é uma vitória e conquista de todos e todas que conseguiram sobreviver há tempos tão sombrios que a pandemia do COVID-19 ocasionou. Agradeço a disponibilidade de todas as minhas interlocutoras e interlocutores que junto comigo deram voz a esta pesquisa, construíram e teceram comigo o que aqui está escrito, a vocês, meu agradecimento por permitirem revisitar e conhecer um pouco de suas memórias.

A pesquisa sempre foi uma paixão, mesmo em altos e baixos, desde a graduação em Arquivologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), busquei integrar em projetos de pesquisa e monitoria. Recordo que participei do processo para integrar a equipe de pesquisadores orientada pelo Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Edvaldo Carvalho Alves, neste eu era pesquisador voluntário, sem bolsa, em uma pesquisa na qual buscamos analisar as necessidades e usos informacionais dos docentes dos programas de pós-graduação *stricto sensu* do campus I da UFPB, com o objetivo de apreender e descrever quais as fontes, barreiras e meios de comunicação da informação são utilizados por estes nas suas atividades e ensino e pesquisa.

Na UFPB também pude ter meus primeiros contatos com monitorias, pude ser monitor nas disciplinas de Metodologia do Trabalho Científico, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Alba Lígia de Almeida Silva e em seguida com a Legislação Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Meriane Vieira da Rocha. Além, também, da disciplina Avaliação e Seleção de Documentos, com o Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Adolfo Júlio Porto de Freitas.

Como estudante de graduação em Arquivologia, também pude participar das discussões no Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (Gecimp), liderado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, muito me aproximou de ricas pesquisas.

Sou extremamente grato por toda minha trajetória acadêmica na UFPB, sem dúvidas as possibilidades lá postas plantaram a semente e cultivo do ser pesquisador.

Estar atuando no meu cultural, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), na Secretaria de Estado da Cultura, oportunizou um enriquecimento de bagagem e aproximação com as temáticas de memória, patrimônio cultural, identidade que estão diretamente ligadas e inerentes as atividades do instituto. Gratidão a todos e todas os/as de que contribuíram direta e/ou indiretamente para essa aproximação.

Depois de minha estadia no Iphaep, a “memória” sempre teve um olhar especial. Integrar projetos de extensão e escrever sobre a temática me fez estreitar os laços com a temática. Neste sentido, sabendo sobre o lançamento do Edital do Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade (PPGCS) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), busquei revisitar um rascunho escrito anteriormente sobre a temática rede de dormir.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Ciência da Sociedade (PPGCS) da Ufopa. O ingresso no PPGCS possibilitou um encontro, literal e forte, com a cultura amazônica, ler autores durante as disciplinas foi bastante rico. Gratidão aos professores e professoras Dr. Nirson Medeiros da Silva Neto, Dr<sup>a</sup>. Luciana Carvalho, Dr<sup>a</sup>. Edna Galvão, Dr. Juarez Galvão, Dr. Miguel Aparício e Dr. Rubens Elias.

Devido ao período de pandemia em que ocasionou as aulas serem remotas, eu tive a oportunidade também de cursar algumas disciplinas além Ufopa. Pude cursar disciplina com os Professores Dr<sup>a</sup> Alda Heizer e o Dr. Rafael Zamorano Bezerra na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e com o Dr Javier Alejandro Lifschitz e Dr<sup>a</sup>. Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

Agradeço de modo especial por toda troca que tive com a Prof Dr<sup>a</sup> Carla Ramos, na qual tive a honra de tê-la como orientadora nesta etapa acadêmica. Foram conversas e discursões leves e densas. Gratidão a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ednea do Nascimento Carvalho (Ufopa), Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roberta Sá Leitão Barboza (UFPA) e a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira (UFPB) que juntas compuseram a banca de qualificação enriquecendo o debate aqui posto. Agradeço também a Prof Dr<sup>a</sup> Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento que se dispôs a debruçar na leitura desta pesquisa e compor a banca de avaliação final.

Gratidão a todas mulheres e homens que deram voz e fizeram com que esta pesquisa pudesse ser consolidada, de modo especial agradeço a minha família as mulheres de minha família contribuíram se se fizeram presente aqui.

Agradeço a Deus, pela possibilidade de germinar um desejo adormecido, que foi o de ingressar e poder concluir este mestrado.

## RESUMO

A produção têxtil da rede de dormir em São Bento/PB se entrelaça com a história da construção, habitação e sociabilidade da cidade, onde ainda enquanto vila, a confecção do produto já se fazia presente entre as famílias que ali moravam. Observada como sendo uma das principais atividades econômicas locais, a rede de dormir gera emprego e renda aos envolvidos no processo de fabricação, sendo também responsável pelo baixo índice de desemprego na cidade chegando a empregar 80% da mão de obra. A vasta produção do produto têxtil leva a cidade a ser conhecida como a “capital mundial das redes” e exportando a rede de dormir a diversas cidades e países. Assim sendo, esta pesquisa tem natureza qualitativa e objetivou analisar o modo do processo de transmissão de saberes no que concerne às técnicas de produção das redes entre as famílias, identificar elementos que afirmam o sentimento de pertença com o lugar e em especial com a prática de fabricação da rede de dormir, compreender as representações dadas às redes de dormir e sua utilização nos espaços apropriados pelas/os redeiras/os em São Bento/PB, além de acessar as memórias das pessoas entrevistadas, buscando compreender a relação com a produção da rede de dormir o que propiciou uma etnografia sobre o processo identitário e de sociabilidade a partir da transmissão dos saberes dos fazedores de redes de dormir em São Bento/PB. Para isso, foi analisado a trajetória das redeiras e redeiros, visando acessar às memórias que a rede de dormir possibilitou gerar. Foi observado também os dispositivos de reconhecimento e representações identitárias vinculados à redes de dormir, notando a existência de espaços como a Praça do Redeiro além de festas como o Arraiá Balançando a Rede e Festa do Caminhoneiro e também o uso da rede como ornamentação, a exemplo do período de natal. Transmissão de saberes no que concerne às técnicas de produção das redes entre as famílias, ocorre pela observação, como foi relatado pelas/os interlocutoras/as. A pesquisa foi desenvolvida por meio da História oral, na qual foi possível acessar seus relatos orais de memória e, por meio de seus discursos, analisar a trajetória das/os interlocutoras/es em relação à produção da rede de dormir.

Palavras-chave: redes de dormir; São Bento/PB; identidade; trajetórias; memórias.

## **ABSTRACT**

The textile production of the hammock in São Bento/PB is intertwined with the history of construction, housing and sociability of the city, where even as a village, the manufacture of the product was already present among the families that lived there. Observed as one of the main local economic activities, the hammock generates jobs and income for those involved in the manufacturing process, and is also responsible for the low unemployment rate in the city, employing 80% of the workforce. The vast production of the textile product leads the city to be known as the “world capital of hammocks” and exporting the hammock to several cities and countries. Therefore, this research approached some people who work or have worked in the manufacturing process and provided an ethnography about the identity and sociability process from the transmission of knowledge of hammock makers in São Bento/PB. For this, the trajectory of the hammocks and hammocks was analyzed, in order to access the memories that the hammock allowed to generate. It was also observed the recognition devices and identity representations linked to hammocks, noting the existence of spaces such as Praça do Redeiro in addition to parties such as Arraiá Balançando a Rede and Festa do Caminhoneiro and also the use of the hammock as ornamentation, for example of the Christmas period. Transmission of knowledge regarding hammock production techniques among families occurs through observation, as reported by the interlocutors. The research was developed through oral history, in which it was possible to access their oral reports from memory and, through their speeches, analyze the trajectory of the interlocutors in relation to the production of the hammock.

Keywords: hammocks; São Bento/PB; identity; trajectories; memoirs.

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1** – Resultado de pesquisas recuperadas em plataformas acadêmicas.....19

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Redes atadas nos barcos.....	14
<b>Figura 2</b> - Redes postas na embarcação para deslocamento .....	14
<b>Figura 3</b> - Recorte da região nordeste com municípios e distritos que produzem a rede de dormir.....	33
<b>Figura 4</b> - Mapa da Paraíba com divisões de zonas eleitorais em 1950. ....	34
<b>Figura 5</b> - Divisão do estado da Paraíba em mesorregiões.....	35
<b>Figura 6</b> - Mapa da Paraíba com destaque em São Bento/PB.....	35
<b>Figura 7</b> - Distância entre João Pessoa, capital da Paraíba, e São Bento/PB.....	36
<b>Figura 9</b> - Tear de três panos 01 .....	38
<b>Figura 8</b> - Tear de três panos 02 .....	38
<b>Figura 10</b> - Portal em uma das entradas de São Bento/PB.....	40
<b>Figura 11</b> - Feira da Pedra no centro de São Bento/PB. ....	41
<b>Figura 12</b> - Comercialização das redes de dormir na Feira da Pedra no centro de São Bento/PB.....	41
<b>Figura 13</b> - Homem realizando a urdidura do fio. ....	43
<b>Figura 14</b> - Tingimento dos fios das redes de dormir. ....	43
<b>Figura 15</b> - Homem preparando os fios que formarão o tecido da rede. ....	44
<b>Figura 16</b> - Homem manuseando o tear elétrico. ....	44
<b>Figura 17</b> - Mulher costurando uma das extremidades da rede .....	45
<b>Figura 18</b> - Artesã fazendo mamucaba na rede .....	45
<b>Figura 19</b> - Mamucaba na rede .....	46
<b>Figura 20</b> - Artesão empunhando a rede.....	46
<b>Figura 21</b> - Caré finalizado .....	47
<b>Figura 22</b> - Artesã fazendo a varanda da rede. ....	47
<b>Figura 23</b> - Varanda sendo costurada na rede. ....	48
<b>Figura 24</b> - Dona Neta produzindo a varanda da rede .....	54
<b>Figura 25</b> - Comercialização da rede de dormir na Feira da Pedra em São Bento/PB .....	59
<b>Figura 26</b> - Localização da Feira da Pedra em 2011 .....	60
<b>Figura 27</b> - Arte de divulgação do arraiá balançando a rede .....	62
<b>Figura 28</b> - Portal de entrada do arraiá balançando a rede .....	62
<b>Figura 29</b> - Espaço cinematográfico montado do arraiá balançando a rede de 2019 .....	63
<b>Figura 30</b> - Arte de divulgação da festa dos caminhoneiros de 2015.....	64

<b>Figura 31</b> - Caminhão sendo preparado para carreata com imagem do corretor Preá, já falecido. ....	65
<b>Figura 32</b> - Fachada do Shopping das redes Francisco Severino de Souza “o Terção”.....	66
<b>Figura 33</b> - Placa de sinalização interna no Shopping das redes indicando a rua rede São Bento.....	67
<b>Figura 34</b> - Área interna do Shopping das redes com sinalizações das ruas com nomes de tipos de rede de dormir.....	67
<b>Figura 35</b> - Monumento na Praça dos Redeiros. ....	68
<b>Figura 36</b> - Letreiro em “Eu amo São Bento” na Praça dos Redeiros. ....	68
<b>Figura 37</b> - Lanchonete com nomes de lanches fazendo menção aos tipos de redes de dormir. ....	69
<b>Figura 38</b> - Árvore de natal feita de varanda montada na Praça do Redeiro em período natalino.....	69
<b>Figura 39</b> - Árvore de natal feita com rede de dormir montada na Praça do Redeiro em período natalino.....	70
<b>Fluxograma 01</b> – Etapas do processo de fabricação da rede de dormir.....	42

## LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID-19	Doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2
GCSB	Grupo de Caminhoneiros de São Bento
Gecimp	Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JM	Joyciana Medeiros
MA	Maria Araújo
MO	Maria Adelaide de Oliviera
MS	Manoel Valeriano da Silva
PIVIC	Pesquisa Voluntária de Iniciação Científica e Tecnológica
Sars-Cov-2	Coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2
SUS	Sistema Único de Saúde
TA	Terezinha Araújo
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
Unirio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PREPARANDO OS FIOS NO TAER:</b> introdução sobre a temática.....	11
1.1	PENSAMENTOS, IDEIAS, ESTRUTURAÇÕES E REESTRUTURAÇÕES: o percurso metodológico.....	16
<b>2</b>	<b>REDE DE DORMIR:</b> chegada, percepções e usos.....	25
2.1	VISÕES, USOS E REFLEXÕES: um olhar a partir da obra “Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica”.....	28
2.2	“DESDE QUE EU ME ENTENDO DE GENTE, AQUI TODO MUNDO FABRICA, TRABALHA COM REDE”: São Bento/PB, de vila à capital mundial das redes.....	34
<b>3</b>	<b>“É UM TRABALHO BOM, TRABALHA MUITO”:</b> histórias e trajetórias de pessoas que trabalham ou já trabalharam no processo de fabricação da rede de dormir.....	49
3.1	“AÍ FOI ENSINANDO A GENTE FAZER, ATÉ QUE A GENTE APRENDER A ENTRANÇAR, A TORCER, FAZER VARANDA, PASSAR MAMBUCABA”: a presença da rede nas vivências locais.....	50
3.2	“AÍ EU ACHO QUE SÃO BENTO FICOU DO JEITO QUE FICOU, POR CAUSA DESSAS REDES”: a relação das redes com as pessoas e espaços públicos, identidades, representações e monumentizações.....	56
<b>4</b>	<b>DAS MEMÓRIAS DE TECELAGEM DAS REDES À REFLEXÕES:</b> tecendo algumas considerações.....	71
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	75
	<b>APÊNDICE.....</b>	81
	<b>GLOSSÁRIO.....</b>	82

## 1 PREPARANDO OS FIOS NO TAER: introdução sobre a temática

Imagine você chegando em uma cidade no interior do sertão do nordeste brasileiro, acordando às 4 horas da manhã, ouvindo os sons dos teares, das máquinas de costura, como se fosse uma grande ópera tocando; muitas cores na cidade e vendedoras/es ambulantes gritando na rua “Ó A REDE”. Este é o cotidiano de São Bento/PB, uma cidade localizada no sertão do estado da Paraíba, a 400 km da capital João Pessoa, com 34.031 mil habitantes<sup>1</sup>.

São Bento/PB teve seu início com a construção da capela em homenagem a São Sebastião, realizada por Leandro Pinto e Manoel Vieira<sup>2</sup>, responsáveis pelo processo de habitação local. A cidade situa-se às margens do Rio Piranhas e seu comércio é baseado em plantações agrícolas, criação de gados, ovelhas, e a produção, comercialização e exportação de redes de dormir.

A produção das redes de dormir, bem como sua comercialização, retrata bastante o dia a dia da população são-bentense, mobilizando as pessoas direta ou indiretamente nas variadas etapas desde a sua confecção até a venda do produto. Para Rosalvo Carneiro (2006), o surgimento da confecção das redes de dormir deu-se em meados do século XIX e estaria ligado a mecanismos essenciais de sustento e manutenção das vidas locais. Genival Silva (2010) também indica o início da fabricação de redes, em São Bento/PB, neste mesmo período. A jornalista Juliana Miranda Medeira (2019)<sup>3</sup> aponta que a produção das redes de dormir é responsável pelo baixo índice de desemprego na cidade. A ciclo de produção e comercialização envolve algo como 80% das/os trabalhadoras/es locais, o que faz gerar um capital financeiro relevante para a sobrevivência daquelas/es que detêm o conhecimento das técnicas e do modo de fazer a rede de dormir, bem como para aquele que se deslocam da cidade no intuito de comercializar o produto, estes últimos são denominados de “corretores de redes”.

---

<sup>1</sup> Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019.

<sup>2</sup> Após a morte de sr Cantonho, Leandro Pinto e Manoel Vieira, filho e sobrinho, respectivamente, deram início ao agrupamento de moradores com o intuito de popularizar o que o espaço que hoje é conhecido como Rua Velha, em São Bento/PB.

<sup>3</sup> Reportagem: São Bento produz 12 milhões de rede por ano e escoar produção com vendas online. Disponível em: <https://www.jornaldaparaiba.com.br/economia/sao-bento-produz-12-milhoes-de-redes-por-ano-e-escoa-producao-com-vendas-online.html>. Acesso em: 15 abr. 2021.

O processo de fabricação têxtil inicia-se com a plantação e a colheita do algodão que é destinado à fabricação dos produtos. Após a colheita, o algodão é processado e assim dá-se início à produção do tecido. Para tal, utilizam-se instrumentos que visam dar coloração aos fios. A confecção das redes pode ser considerada um processo longo e é realizada por meio de divisão das tarefas que resulta no produto final, envolvendo técnicas e saberes da confecção, além da comercialização por meio das lojas, vendedoras/es ambulantes ou até mesmo a exportação para várias regiões do país, inclusive em Santarém, no Pará.

A primeira etapa do processo corresponde à elaboração dos tecidos, que acontece com a utilização de máquinas de grande porte, onde são alocados fios para a construção do tecido que irá compor a rede. Esta etapa fica sob responsabilidade dos homens. Segundo José Rocha (1983), esta etapa da fabricação exige um maior esforço físico. Entretanto, as mulheres ficam encarregadas pela segunda parte da produção, que é ampla: trançar, enfiar as cabeça, passar os pontos e a mamucaba<sup>4</sup>, empunhar, colocar caré, fazer varandas, bordar e estampar<sup>5</sup>. Estes são processos a partir dos quais os tecidos começam a tomar formato de rede de dormir, podendo haver uma variedade de estilos, tipos e modelos, tais como: bucho de boi, estrela do mar, tiêta, tambaba, são bento, maria bonita, jaguaruana, a cinza, coração de ouro, pernambucana, rede de náilon<sup>6</sup>. Por fim, a divisão de trabalho da produção das redes de dormir se dá também por uma certa diferenciação de gênero<sup>7</sup>.

Todo esse processo em que há a transmissão de saberes-fazeres em relação à produção das redes representa muito mais que técnicas e o desenvolvimento de uma economia local. Esse movimento citadino, no interior do sertão paraibano, expressa uma cultura e um modo de vida, e foi percebendo isso que decidi investigar, aprofundar e registrar as particularidades do modo de vida são-bentense.

Os ensinamentos quanto ao processo de fabricação são repassados de geração em geração, ocasionando assim na transmissão de conhecimento das técnicas em um contexto intrafamiliar. Esse mecanismo de produção, por vezes, inicia

---

<sup>4</sup> Tira ou Fita de algodão nas duas extremidades terminais do pano da Rede.

<sup>5</sup> Referem-se às etapas da produção que serão melhor descritas e seus termos explicados no processo de escrita da dissertação conforme a perspectiva das/os interlocutoras/es, além também de estarem descritas no glossário apresentado ao término da pesquisa.

<sup>6</sup> Estes são alguns dos tipos de rede produzidos em São Bento/PB, durante a pesquisa de campo é possível que surjam outras tipologias que serão tratadas durante a escrita do trabalho.

<sup>7</sup> É comum ouvirmos que as mulheres são “viúvas de maridos vivos”, uma vez que os maridos se tornam caminhoneiros e passam mais tempo fora de casa cuidando das vendas.

as crianças à vida social e estabelece a sociabilidade entre as/os moradoras/es da cidade. Assim dizendo, é comum que as crianças auxiliem seus pais nas atividades mais leves, para que possam compreender os ciclos de produção.

Na capital das redes, como é conhecida São Bento/PB, ocorria há mais de 30 anos uma feira bastante conhecida pela região: a 'feira de pedra', realizada nas ruas do centro da cidade nos dias de segunda-feira. Na oportunidade, eram comercializados produtos têxteis dentre os quais se destacava a grande variedade de redes. A partir de 2018, a feira deixou de ser realizada nas ruas do centro e passou a ocorrer no Shopping das Redes Francisco Severino de Sousa, construído pelo governo municipal para acomodar as/os vendedoras/es.

O processo de circulação das redes nas regiões Norte e Nordeste já era percebido e apresentado por Luís da Câmara Cascudo (2003) no livro "Redes de dormir: um estudo etnográfico". Rosalvo Nobre Carneiro e Alcindo José de Sá (2007) também investigaram esse circuito das redes, observando o momento em que São Bento/PB passou a integrar a importante região que reúne as principais cidades produtoras de redes de dormir no Brasil. Assim, a alta produção e a comercialização dessas redes perpassa as delimitações territoriais de São Bento/PB, tendo a venda realizada por corretores de redes e empresas que exportam o produto para diversos países europeus, além, também, dos Estados Unidos.

As redes de dormir são bastante utilizadas na região Norte devido à locomoção, uma vez que se utiliza de barcos para o deslocamento entre as cidades cortadas por rios, e, durante a viagem, as redes são utilizadas para acomodação das/os passageiras/os<sup>8</sup>. Algumas(ns) são-bentenses deslocaram-se à Santarém/PA para comercializarem o produto, o que levou muitas/os delas/es a residir na cidade. O deslocamento do produto até o estado do Pará é realizado de modo terrestre, sendo transportado por caminhões que atravessam a linha transamazônica.

Como salientei anteriormente, na região Norte do Brasil, as redes de dormir são muito utilizadas nas embarcações que constituem as principais formas de locomoção entre a maioria das cidades onde os rios são as estradas. É por esse motivo que as redes se tornam protagonistas nas viagens de barco. Essas redes são de vários tamanhos, cores e texturas, e os barcos são normalmente abarrotados de redes. É nesse contexto que muitas/os vendedoras/es são-bentenses chegaram em

---

<sup>8</sup> Nas viagens, cada passageiro é responsável por levar e armar a rede que irá utilizar ao longo do percurso.

Santarém/PA e fizeram da cidade o seu lugar de moradia permanente. Mais adiante vou tratar desse processo de deslocamento e permanência.

**Figura 2** - Redes postas na embarcação para deslocamento



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

**Figura 1** - Redes atadas nos barcos



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Todo o processo de fabricação das redes envolve um universo riquíssimo de ‘modos de saber’ e de ‘modos de fazer’<sup>9</sup>, que são compartilhados pelas redeiras e redeiros<sup>10</sup>. É possível observar que mesmo após os avanços tecnológicos, a presença dos modos de fazer artesanais e manuais ainda podem ser encontrados em São Bento/PB. Portanto, foi possível observar ao longo da pesquisa a construção de uma dimensão importante da identidade são-bentense que está diretamente relacionada ao conhecimento e ao modo de vida que é fincado na produção das redes de dormir. A própria história da cidade é intimamente ligada às trajetórias dos redeiros e redeiras.

<sup>9</sup> Os termos ‘modos de saber’ e ‘modos de fazer’ nesta pesquisa seguem a mesma compreensão do entendimento do Iphan que está expresso no Decreto 3.551/2000 “modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades”; e no site do Iphan segue que “[...] os Saberes são conhecimentos tradicionais associados a atividades desenvolvidas por atores sociais reconhecidos como grandes conhecedores de técnicas, ofícios e matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade. Geralmente estão associados à produção de objetos e/ou prestação de serviços que podem ter sentidos práticos ou rituais.”

<sup>10</sup> Como são chamados e se auto reconhecem as pessoas quem produzem redes.

Atualmente, os filhos e filhas das/os vendedoras/es, empresárias/os ou das costureiras utilizam-se de novas ferramentas, tais como a internet para a venda *online* das redes, modernizando e agilizando o processo de venda do produto. Devido a este fato, a agência local dos Correios, localizada em São Bento, se torna a terceira maior em movimentação em todo o estado da Paraíba, ficando atrás, apenas, de João Pessoa, capital do Estado, e de Campina Grande, no que se refere ao volume de postagens.

Diante desse contexto inicial e introdutório sobre a temática, busquei partir este escrito da seguinte questão norteadora: Como se dá a relação da produção têxtil da rede de dormir com o dia a dia de São Bento/PB e seus/suas moradores/as? E, partindo dessa motivação inicial surgiram esferas norteadoras que foram abordadas em cada capítulo desta pesquisa: a) identificar as trajetórias das redeiras e redeiros; b) compreender os dispositivos de reconhecimento e representações identitárias vinculadas a rede de dormir; c) analisar como se dá o processo de transmissão de saberes do feitiço da rede dormir.

Ante posto, esta pesquisa se apresenta em quatro capítulos no qual os mencionei da seguinte forma: No capítulo 1, intitulado PREPARANDO OS FIOS NO TAER: introdução sobre a temática, apresento o campo da pesquisa, como cheguei ao mesmo e quais métodos foram utilizados para que a pesquisa pudesse ser realizada. Este último descrito na seção 1.1 intitulada PENSAMENTOS, IDEIAS, ESTRUTURAÇÕES E REESTRUTURAÇÕES: o percurso metodológico.

O segundo capítulo está intitulado por 'REDE DE DORMIR: chegada, percepções e usos', no qual é apresentado a rede de dormir a partir de um recorte da obra *Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica* de Luís da Câmara Cascudo (2003). Na obra, o autor aponta a "chegada" da rede de dormir no Brasil apresentando os diversos usos que a rede de dormir ganha nas regiões brasileiras: Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste.

O capítulo dois já vem apresentado, de modo mais detalhado, sobre o município de São Bento/PB que é localizado no interior do estado da Paraíba e visto como sendo a capital mundial da rede de dormir pelo grande número de fabricação do material, cerca de 12 milhões anualmente. Neste capítulo também apresento as fases da produção, bem como trago falas de interlocutoras/es que estavam em São Bento/PB ainda quando era vila. Aqui fiz uso de parte das entrevistas cedidas pela pesquisadora Joyciana da Silva Medeiros, que em 2019 apresentou a dissertação na

qual abordou a temática da rede de dormir com o título “Permeando teares e vivências: as transformações urbanas e os circuitos da fabricação das redes de dormir em São Bento/PB na ótica dos populares (1960 – 1990)”.

No terceiro capítulo deste estudo, intitulado “É UM TRABALHO BOM, TRABALHA MUITO”: histórias e trajetórias de pessoas que trabalham ou já trabalharam no processo de fabricação da rede de dormir’ enuncio os espaços que a rede de dormir ganhou em São Bento/PB, por relevância e contribuição para o baixo índice de desemprego na cidade, além de integrar a história e memórias locais.

Apresentando entrevistas realizadas por mim quando estive em São Bento/PB, trago falas de minha mãe, tias e conhecidas/os que trabalham ou já trabalharam no processo de fabricação da rede de dormir mostrando o modo de aprendizagem e os dispositivos de identidade encontrados na cidade que se remetem à rede de dormir, como por exemplo a Praça dos Redeiros, a Festa dos Caminhoneiros, o Arraiá Balançando a rede, a antiga Feira da Pedra que hoje chama-se Shopping das Redes, entre outros monumentos e espaços que podem ser localizados em São Bento/PB.

Por fim, no capítulo quatro, intitulado DAS MEMÓRIAS DE TECELAGEM DAS REDES À REFLEXÕES: tecendo algumas conclusões, apresento as minhas considerações finais deste estudo de modo que evidencio a satisfação em realiza-lo e a importância do mesmo para a população são-bentense, por registrar aspectos do cotidiano da cidade pelas falas aqui postas, além de propiciar por da escrita e do dito preservação das lembranças dos que construíram junto comigo esta pesquisa.

## 1.1 PENSAMENTOS, IDEIAS, ESTRUTURAÇÕES E REESTRUTURAÇÕES: o percurso metodológico

A entrada no Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade (PPGCS) em 2020 se deu quando a pandemia da COVID-19<sup>11</sup> estava atingindo um número expressivo de pessoas pelo país. Naquele momento acreditava-se que a pandemia

---

<sup>11</sup> “Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. Os coronavírus estão por toda parte. Eles são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum.” (OPAS, *online*). Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 20 abr. 2021.

logo se encerraria e o cenário permitiria que as pesquisas de campo pudessem ser realizadas de modo seguro com a chegada de medicamentos que fossem de fato eficazes contra a grave doença. A vacina contra a COVID-19 chegou ao Brasil com atraso causado pelo governo federal<sup>12</sup>. Com isso, a realização da pesquisa de campo precisou passar por inúmeras adaptações em seu desenho metodológico mais geral. Dessa forma, eu optei, num primeiro momento, pela escrita etnográfica, que precisou ser adaptada para diferentes paisagens e cidades como Santarém/PA, João Pessoa/PB, São Bento/PB e São Paulo/SP. Essas foram as cidades por onde tive que passar pela necessidade imposta pela pandemia da COVID-19 em minha vida pessoal e profissional. A pesquisa traz um pouco de cada lugar, cada sentimento e experiência vivida naquele momento tão dramático. Traçar e descrever o percurso metodológico permite registrar o caminho desafiador que eu percorri até o processo final da escrita desta dissertação. Assim, nesta seção eu externo os traços iniciais e as alterações envolvidas no decorrer da construção deste trabalho.

Estudar sobre a rede de dormir foi um desejo que nasceu ainda durante o curso de graduação em arquivologia, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A rede sempre esteve presente em minha vida, pois nasci no sertão do Estado da Paraíba, na cidade de São Bento/PB, na qual a rede é um dos principais elementos em nosso cotidiano, incluindo a centralidade econômica local do complexo circuito da sua produção, algo que faz a cidade ser conhecida como a “capital mundial das redes”. As minhas primeiras indagações estavam relacionadas às tessituras da memória da população de São Bento/PB, tão profundamente marcada pelos símbolos e o repertório de saberes a respeito da fabricação e dos usos das redes de dormir.

As metodologias utilizadas em uma pesquisa demonstram o percurso escolhido para se chegar aos objetivos e resultados da investigação pretendida. Esta fase da pesquisa é compreendida por Minayo (2009, p. 14) como sendo “[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade [...]”. A escrita deve estar vinculada ao pensamento em questão, que pode ser expressado no texto a partir das referências utilizadas, tendo relação com as particularidades de cada assunto a ser trabalhado na dissertação.

---

<sup>12</sup> “A CPI afirma que as apurações identificaram que a aquisição de imunizantes não foi prioridade do governo, que houve demora na conclusão dos contratos de compra de imunizantes e ficou clara a falta de iniciativa do governo em propor ajustes na legislação para permitir a aquisição de doses.” (G1, *online*). Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/noticia/2021/10/20/cpi-da-covid-veja-as-principais-conclusoes-do-relatorio-final.ghtml>. Acesso em: 5 mar. 2021.

Sobre pesquisa, Minayo (1993, p. 23) aponta como sendo uma

[...] atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados

Sendo a pesquisa uma construção que possibilita o enlace entre teoria e prática, um tema pode oportunizar uma diversidade de reflexões e observações, sem o risco, de acordo com Minayo (1993), de um esgotamento de análises. A rede de dormir tem sido tema de pesquisa, ao longo dos anos, de diversas áreas do conhecimento, sobretudo das ciências sociais. Por meio de uma revisão sistemática realizada em plataformas de pesquisas e periódicos eletrônicos, pude recuperar alguns desses trabalhos e suas abordagens. Sampaio e Mancini (2007, p. 84) definem uma revisão bibliográfica sistemática como “[...] uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema [...]”. Trata-se de uma técnica de investigação que tem como intuito o levantamento do que já foi pesquisado sobre determinado tema em suas áreas (TRIVIÑOS, 1987), localizando, dessa maneira, os debates, seus respectivos campos, além das descobertas metodológicas, e as ferramentas analíticas desenvolvidas em cada investigação.

No processo de levantamento bibliográfico, as revisões sistemáticas possibilitam acesso aos estudos que podem auxiliar o/a pesquisador/a no processo de reflexão junto aos dados obtidos a partir da pesquisa de campo. Porém, acredito ser importante lembrar que, os dados presentes nas pesquisas compostas no processo de revisão sistemática têm valor de dados secundários, assim como também nos lembra Galvão e Pereira (2014, p. 2) que “As revisões sistemáticas são consideradas estudos secundários, que têm nos estudos primários sua fonte de dados. Entende-se por estudos primários os artigos científicos que relatam os resultados de pesquisa em primeira mão.”

A depender dos objetivos elencados nas pesquisas, a utilização de dados terciários pode ser uma das opções. No período em que fomos acometidos pela pandemia da COVID-19 - doença causada pelo novo coronavírus -, a pesquisa de campo teve que ser readaptada à nova realidade marcada por longos períodos de isolamento social determinados pelas autoridades nos estados e municípios<sup>13</sup>. A ida

---

<sup>13</sup> O *lockdown* foi um ato administrativo utilizado por governantes do poder executivo visando a redução total e/ou parcial da circulação de pessoas no período da pandemia. No estado do Pará e em Santarém/PA o ato foi decretado no mês de maio de 2020.

a campo, em alguns casos, tornou-se uma tarefa quase que impossível para os/as pesquisadores/as, tendo em vista os riscos com a saúde que poderíamos causar às pessoas, nossas/os interlocutoras/es de pesquisa, e a nós mesmos, envolvidos nas atividades de campo. Dentro dessa conjuntura tão inédita, a minha pesquisa, mais diretamente baseada em períodos de estadia em campo para observação e diálogos com as/os interlocutoras/es, foi afetada consideravelmente pela pandemia da COVID-19. A ideia de ir à São Bento, na Paraíba, cidade em que se dá o recorte espacial desta pesquisa, teve que ser adiada e reconsiderada muitas vezes, pois se tornara inviável poder acompanhar e observar o dia a dia das redeiras e dos redeiros.

Em São Bento/PB, as redes de dormir são facilmente encontradas pelas ruas, tanto nas casas em que a família realiza algumas etapas da fabricação, quanto nas fábricas e nas lojas comerciais da cidade. Uma vez que a ida à São Bento/PB não pôde ocorrer no período previsto no cronograma inicial de trabalho, precisei redefinir a forma como obter e reunir os dados para a consolidação desta pesquisa. Inicialmente, optei pela revisão da literatura - etapa basilar de qualquer trabalho de investigação. A revisão sistemática proporcionou um maior aprofundamento teórico por conta do contato com outras pesquisas já realizadas sobre as temáticas: “rede de dormir” e “São Bento/PB”, mas enquanto isso, eu estava a todo o tempo em compasso de espera para a viagem à São Bento/PB, o que fazia o levantamento bibliográfico ganhar contornos inesperados porquê de uma ‘etapa’ da pesquisa poderia se tornar elemento central de toda a dissertação.

Ao utilizar os descritores “rede de dormir”, “rede de dormir em São Bento”, “São Bento/PB”, e “uso da rede de dormir” nas plataformas acadêmicas, tais como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Google Acadêmico, Scielo e Periódicos da Capes, pude ter acesso a alguns trabalhos. Após as leituras, realizei uma espécie de seleção de alguns trabalhos que mais pudessem contribuir no processo de escrita, e que os dados disponibilizados também auxiliassem em reflexões, conforme mostra o Quadro 1.

**Quadro 1** – Resultado de pesquisas recuperadas em plataformas acadêmicas.

Autor(es/as)	Ano	Tipo de publicação	Título
ARAÚJO, José Luís Lopes	1997	Tese	As transformações na produção artesanal de redes-de-dormir no Nordeste brasileiro e suas relações com a reprodução do espaço

SOUZA, Maria Rodrigues de	2004	Dissertação	Traçando destinos, entrecruzando territórios: sociabilidade dos redeiros de Patos-PB
CARNEIRO, Rosalvo Nobre	2006	Dissertação	Produção do espaço e circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento-PB: do meio técnico ao técnico-científico-informacional
CARNEIRO, Rosalvo Nobre; DE SÁ, Alcindo José	2007	Artigo	As multiterritorialidades dos centros produtores de redes de dormir da região nordeste brasileira e suas inserções nas redes urbanas nacional e internacional.
CARNEIRO, Rosalvo Nobre	2011	Tese	As semelhanças, diferenças e interações dos circuitos de fluxos socioespaciais de redes de dormir do nordeste brasileiro
SANTOS, José Erimar dos	2012	Dissertação	Feira livre e circuitos da economia urbana: um estudo da feira da Pedra, em São Bento (PB)
CARNEIRO, Rosalvo Nobre	2014	Artigo	Gênero, trabalho e interação nos meios técnicos da indústria têxtil de redes de dormir de São Bento-PB
SILVA, Josiquely Felipe da	2014	Monografia	O processo de urbanização de São Bento-PB
NONATO, Clarissa Borges	2015	Dissertação	“A REDE NOSSA DE CADA DIA”: um estudo de caso sobre a rede de dormir artesanal na Associação Xique-Xique em Pedro II-Piauí
AMARAL, Ivanilda Teixeira do	2017	Dissertação	O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DAS REDES DE DORMIR DE PEDRO II-PI: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa
BEZERRA, Francine Soares	2018	Dissertação	A Rede De Dormir E Os Viajantes: Cultura Material E Contribuições Do Olhar Estrangeiro Através Das Imagens
MEDEIROS, Jocyiana da Silva	2019	Dissertação	Permeando teares e vivências: as transformações urbanas e os circuitos da fabricação das redes de dormir em São Bento/PB na ótica dos populares (1960 – 1990)

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Os textos reunidos na revisão sistemática me levaram à obra de Câmara Cascudo, o clássico “A rede de dormir: uma pesquisa etnográfica”, com primeira edição datando de 1957. O folclorista, Câmara Cascudo, em sua vasta obra de cunho etnográfico, apresenta aspectos de um Brasil, pois a partir dele é possível encontrar relatos dos diversos usos das redes de dormir em diferentes espaços e como ela, a rede de dormir, era vista pelas pessoas nesses espaços. Para além dessas informações, Câmara Cascudo (2003) afirma que por volta de 1500 o termo “rede”, ao se referir à rede de dormir, foi citado pela primeira vez nos registros históricos da ocupação colonial. Desde então, a rede de dormir vem integrando o dia a dia das pessoas de maneira profunda.

Depois verifiquei que a primeira citação nominal de rede datava de abril de 1500. Daí para nossos dias constituía um elemento indispensável e normal na existência de milhões e milhões de brasileiros em quatro séculos. Nasciam, viviam, amavam, morriam na rede. Eram conduzidos para o cemitério na rede. (CASCUDO, 2003, p. 14)

Como já exposto acima, a pesquisa de campo foi interrompida por conta da pandemia da COVID-19. Ainda que a pesquisa precisasse de um novo desenho metodológico, ao final eu consegui produzir dados que considere relevantes para os objetivos mais diretos da pesquisa. Dessa maneira, me aproximei do trabalho do antropólogo Clifford Geertz (2009, p. 11) que define o processo investigativo como sendo “[...] uma espécie de escrita, um colocar as coisas no papel, é algo que tem ocorrido, vez por outra, aos que se empenham em produzi-la, consumi-la, ou ambas [...]”. Para este autor, a etnografia caracteriza-se pela forma de escrita, do potencial descritivo de fatos que se dará por meio de observação. Já Mariza Peirano (2008) compreende a etnografia não apenas como um método ou prática de campo, mas também uma teoria vivida. Isto é, “[...] no fazer etnográfico, a teoria está, assim, de maneira óbvia, em ação, emaranhada nas evidências empíricas e nos nossos dados [...]” (PEIRANO, 2008, p. 3).

Para mim foi um tanto desafiador modificar o tempo verbal da escrita, sair da conjugação de terceira pessoa e ter a liberdade de poder escrever em primeira pessoa “Eu”, me posicionando no texto e na autoria da pesquisa. Confesso que o fazer etnográfico me possibilitou um despertar para observar e me aproximar das pessoas, das/os interlocutoras/os desta pesquisa com mais sensibilidade, inclusive a um universo social e afetivo meu, que é, também, a história da minha família.

A pesquisa etnográfica foi utilizada para compreender os processos de transmissão de saberes-fazeres geracionais intrafamiliares, o reconhecimento identitário das pessoas fazedoras de redes de dormir, bem como o próprio trabalho delas associado à cidade de São Bento/PB, promovendo a iniciação dos jovens à vida social e a sociabilidade entre as/os são-bentenses. Assim sendo, esta pesquisa foi construída no intuito de contribuir com o debate e as discussões que são caras às temáticas de identidade, memória e transmissão de saberes-fazeres como processos que estabelecem relações diferenciadas a partir da produção das redes de dormir em São Bento/PB.

As tecnologias da informação e comunicação (TIC) vêm sendo utilizadas por pesquisadores e pesquisadoras para o desenvolvimento de projetos. Devido ao surto pandêmico da COVID-19, as TIC's passaram a ser ainda mais utilizadas, viabilizando

os diálogos entre as pessoas por meio do uso de aplicativos de comunicação a exemplo do *WhatsApp*, uma vez que, nele, é possível conversar com por meio de texto escrito, áudio, além da capacidade da troca de imagens e vídeos.

Fazer pesquisa na área das ciências humanas foi um desafio. O distanciamento social necessário alterou de forma direta as dinâmicas de sociabilidade bem como o andamento de pesquisas como a minha. Victor Hugo Oliveira (2021, p. 94) descreve que

Todas as mudanças que acompanhamos com a chegada daquilo que já se nomeou como 'a maior crise sanitária dos últimos 100 anos' em algum grau afetaram nosso cotidiano. Nessa leitura, é fundamental que nós, pesquisadores do campo das ciências humanas, possamos olhar para nossas realidades e como elas foram afetadas pela chegada da pandemia da COVID-19.

Motivado pelas distâncias, pesquisadoras/es tiveram que buscar métodos de pesquisas que pudessem dialogar com as/os interlocutoras/es da pesquisa. Enquadro-me neste grupo de pesquisadores que teve a pesquisa atingida. A ida à São Bento/PB, conforme cronograma, teve de ser adiada várias vezes e a incerteza de quando realmente eu poderia ir à campo era latente.

A utilização de aplicativos de conversas e a troca de mensagens através do *WhatsApp*, por exemplo, para a produção de dados foi uma das alternativas, porém, a interação virtual nem sempre produz a mesma intensidade de trocas, uma vez que depende diretamente do engajamento de ambos os lados e fatores externos podem influenciar na participação da conversa. A internet caindo, uma criança chorando, afazeres de casa, foram alguns dos fatores que podem impossibilitar a construção do diálogo.

Sobre isso, Daniel Miller (2020, p. 3) aponta que

O ponto de partida é que um engajamento on-line será diferente para cada população com que você trabalhe e, é claro, em diferentes níveis (para abranger todos os indivíduos com quem você trabalhe). Você precisará de um entendimento disso ou de formas específicas de envolvimento, como você necessitaria em qualquer outro tipo de etnografia off-line.

Tendo a etnografia como ferramenta, escolhi realizar essa abordagem, de maneira experimental, utilizando inicialmente esses recursos tecnológicos. A junção de etnografia com aplicativos de conversa virtual, a exemplo do *WhatsApp*.

Uma outra abordagem metodológica diz respeito ao estudo baseado nas histórias de vida. Eu nasci e cresci em São Bento/PB, cidade que produz um número expressivo de redes de dormir, e é o local de análise da minha pesquisa. Na minha própria família há redeiros e redeiras, muitos dos quais estão em plena atividade.

Portanto, a coleta e análise das histórias de vida tornou-se uma importante abordagem metodológica, que normalmente é empregada nas pesquisas em que há uma interação constante e íntima entre pesquisador/a e os sujeitos da pesquisa presente no campo.

A história de vida como procedimento de investigação envolve a observação sistemática e coleta intensiva de dados relacionados à vida das/os interlocutoras/es. Para tanto, busquei acessar os acontecimentos vida das/os interlocutores desta pesquisa por meio de entrevistas semiestruturadas compostas de perguntas pré-estabelecidas.

Sobre a história de vida, Howard Becker (1993, p. 102) destaca que uma pesquisadora/r que coleta uma

[...] história de vida cumpre etapas para garantir que ela abranja tudo o que quer conhecer, que nenhum fato ou acontecimento importante seja desconsiderado, que o que parece real se ajuste a outras evidências disponíveis e que a interpretação do sujeito seja apresentada honestamente.

A partir desse método, como afirma Glat (1989, *apud* SPINDOLA; SANTOS, 2003, p. 121) é possível “[...] apreender e compreender a vida conforme ela é relatada e interpretada pelo próprio ator [...]”. Nesta pesquisa, a partir da utilização da história de vida, foi possível compreender as vivências e as experiências de algumas/ns moradoras/es de São Bento/PB com as redes de dormir a partir dos seus próprios relatos. Isto permitiu a produção de um quadro de questões mais detalhado sobre a relação das/dos interlocutoras/es com o processo de fabricação das redes e os seus usos na comunidade.

Quando se pretende utilizar o método história de vida, o pesquisador ou a pesquisadora deve ir à campo preparado/a e desarmado/a de seus julgamentos, pois durante o campo, o/a pesquisador/a, por meio da escuta, deverá ter atenção às singularidades do mundo pessoal da pessoa entrevistada/o, sendo assim, a/a pesquisador/a é um/a aprendiz da verdade da/o outra/o (AUGRAS, 1989).

Para além dos dados que produzi junto as minhas interlocutoras e meus interlocutores, eu também fiz o uso de alguns dados cedidos pela pesquisadora Joyciana da Silva Medeiros que, ao defender a sua dissertação de mestrado, em 2019, apresentou alguns relatos sobre as transformações urbanas em São Bento/PB, além, também, de propor reflexões sobre a fabricação da rede de dormir a partir da fala de suas/eus interlocutoras/es.

Joyciana Medeiros é nascida em São Bento/PB e nos conhecemos há bastante tempo. Em uma de nossas conversas, principalmente no período de pandemia, quando a ida à campo era incerta, ela relatou ter entrevistas que foram dados gerados a partir de sua pesquisa e que cederia para que pudesse ir construindo reflexões por meio dos relatos que ela transcreveu. Aceitei a proposta e comecei os primeiros escritos de minha pesquisa, lendo as falas coletadas e refletindo a partir das leituras realizadas.

Concluindo esta primeira parte da pesquisa, aqui expus alguns dos métodos que utilizei para a produção dos dados e que me ajudaram a construir os demais capítulos, além, também, de refletir sobre os impactos causados pela pandemia da COVID-19 em relação a minha pesquisa.

No próximo capítulo aponto, a partir da obra de Câmara Cascudo (2003), como se deu a chegada da rede de dormir no Brasil, bem como apresento a existência de um circuito de fabricação da rede de dormir na região nordeste na qual a cidade de São Bento/PB já estava inclusa, segundo José Luís Lopes de Araújo (1997).

“A maior parte das camas do Brasil são redes, as quais armam numa casa com duas cordas e lançam-se nelas a dormir”

(PERO DE MAGALHÃES GANDAVO, 1570 *apud* CASCUDO, 2003).

## **02 REDE DE DORMIR: chegada, percepções e usos**

Neste capítulo, apresento a “chegada” da rede de dormir ao Brasil, apontando seus modos de usos em algumas regiões brasileiras, tais como Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, que são apresentadas na obra “Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica” de Luís Câmara Cascudo (2003).

A obra de Câmara Cascudo foi publicada em 1957, e traz notas etnográficas de grande importância no que se refere aos usos das redes de dormir em várias partes do país. A obra apresenta ainda dados historiográficos e análises sociológicas, além de uma pesquisa ampla a respeito da produção literária e acadêmica que aborda aspectos sobre os usos e saberes em torno da “rede de dormir”. Tomando um caminho sugerido por Cascudo, eu conduzo a escrita dos capítulos da dissertação de forma a manter duas escalas locais de análise, embora sem propor uma narrativa exaustiva de ambas: a regional e a local. Uma vez que os escritos e os relatos de Câmara Cascudo têm como recorte regional o Nordeste brasileiro, o que fiz foi seguir diminuindo as escalas espaciais até chegar ao sertão paraibano, onde se insere o município de São Bento/PB.

A cidade de São Bento/PB tem o título de “capital mundial das redes”<sup>14</sup>, pois lá é comum encontrar pessoas trabalhando na produção da rede de dormir, seja em suas casas ou em fábricas. Um levantamento apresentado pela jornalista Juliana Miranda (2019)<sup>15</sup> aponta que o índice empregatício gerado pela produção da rede de dormir chega a 80% da população local, o que ocasiona, segundo a jornalista, um baixo índice de desemprego na cidade. Não foi localizado nos levantamentos para a dissertação registros, escritos ou iconográficos, que identifiquem exatamente uma data ou um período em que os moradores e as moradoras de São Bento/PB tenham começado a atuar na produção das redes de dormir. Alguns dos materiais que se têm

<sup>14</sup> Devido ao grande número de pessoas atuando na fabricação da rede de dormir, a cidade tem um número expressivo de produção da rede, por isso a cidade é conhecida e classificada pelos que moram lá como sendo a capital mundial das redes.

<sup>15</sup> Reportagem: São Bento produz 12 milhões de rede por ano e escoia produção com vendas online. Disponível em: <https://www.jornaldaparaiba.com.br/economia/sao-bento-produz-12-milhoes-de-redes-por-ano-e-escoa-producao-com-vendas-online.html>. Acesso em: 20 mar. 2021.

atualmente são frutos de relatos e conversas com moradores e moradoras antigas da cidade. É a partir dessas memórias, sobretudo da oralidade, compartilhadas, que é possível traçar os aspectos que caracterizam a relação existente entre a cidade de São Bento-PB e a produção da rede de dormir.

O conceito de memória a que faço uso pode ser compreendida como uma construção temporal da consciência. No contexto desta pesquisa, Anthony Giddens (2003) ajuda a refletir sobre o tema da memória quando este sinaliza a existência da possibilidade de um domínio de quem conta a história no tocante a perspectiva cronológica da trajetória exposta. Por meio da história oral é possível acessar essas memórias e este procedimento metodológico permite uma construção de dados apresentados pelos interlocutores mediante narrativas que podem ser induzidas e/ou estimuladas, oportunizando uma variação de interpretações sobre a história contada (THOMPSON, 1992).

Quando falamos sobre memória, na perspectiva histórica e no método de história oral, me recordo do longa-metragem “Narradores de Javé”, produzido em 2001, no qual conta a história de um local chamado Javé que estava a ser destruída devido a construção de uma usina hidrelétrica, mas ao saberem da notícia, os moradores e as moradoras rapidamente buscaram uma alternativa que pudesse impedir a construção da usina e a destruição do local. Diante da oportunidade de destruição, a solução encontrada foi a de escrever a história de Javé por meio das narrativas das/os moradoras/es. Assim foi escolhido Antônio Biá, que logo começa a escrever o livro “Javérico”. Porém, no processo de escuta, Biá percebe que cada moradoa/r conta uma história diferente, colocando sempre os seus familiares como sendo protagonistas da fundação de Javé.

Assim como em “Narradores de Javé”, os discursos referentes ao início da produção têxtil da rede de dormir em São Bento/PB podem ser formulados, também, por uma disputa de protagonismos. O que aconteceu com o personagem Biá pode ocorrer durante algumas entrevistas, quando as/os interlocutoras/es em seus discursos protagonizam seus familiares como sendo os pioneiros na fabricação ou até mesmo das técnicas de confecção das redes de dormir. Além do mais, cada história relatada pode conter aspectos de experiência e vivências individuais. Desse modo, “[...] diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse

mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes [...]” (HALBWACHS, 2006, p. 69).

A conversa com as/os interlocutoras/es da pesquisa oportuniza exteriorizar suas lembranças individuais pela oralidade, que possibilitam a construção da memória coletiva do grupo, sendo assim é possível compreender as relações existentes entre a/o interlocutor/a/r e a rede de dormir dentro do seu contexto de vivência. Neste aspecto, Valeska de Oliveira (2005) assegura que a história oral propicia a recuperação de “[...] aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado.”

Dessa forma, a história oral dá sua “[...] contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas [...]” (THOMPSON, 1992, p. 17).

Para Matos e Senna (2011, p. 96), a memória é compreendida como “A presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção.”

Essa presença do passado proporciona um encontro de memórias entre as pessoas do mesmo grupo. Nesta pesquisa, as pessoas que trabalharam e ainda trabalham na fabricação das redes em São Bento/PB fornecem relatos individuais que podem promover o encontro das memórias por intermédio da história oral. Por esse ângulo, Maurice Halbwachs (2006) compreende que a memória será sempre coletiva, ao passo em que os aspectos individuais de cada interlocutor/a/r possibilitam a ativação de uma memória da coletividade.

Memórias externalizadas através da história oral concedem acesso às informações que pode não estarem registradas em um suporte documental escrito, mas através dela se pode conhecer “Os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum *status* político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época [...]” (MATOS; SENNA, 2011, p. 101). São essas lembranças do passado que pretendi ter acesso neste estudo, pois é de grande importância que se compreenda como se deu o processo inicial de fabricação das redes de dormir na vida dos interlocutores e das interlocutoras.

O acesso a lembrança das/os interlocutoras/es é possível pelo método da história oral. Aqui compreendo como lembrança: “[...] uma imagem construída pelos

materiais que estão, agora, à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual [...]” (BOSI, 1994, p. 55). Nessa perspectiva, as redes de dormir, suas técnicas e instrumentos de produção auxiliam no despertar das lembranças das/os interlocutoras/es, o que possibilita a construção do “núcleo investigativo” (HARRES, 2008), especialmente a partir dos relatos orais de memória.

Durante a conversa com os interlocutores e as interlocutoras, podem surgir aspectos que os pesquisadores/as deve estar atento/a, pois a história oral garante não só uma análise sobre o que é dito, “[...] mas de saber que o não-dito, a hesitação, o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e associação são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e do relato [...]” (VOLDMAN, 2005, p. 38). Deste modo, o não dito por vezes pode ser observado pelos/as pesquisadores/as no campo e registrado em seu diário de campo, que é um instrumento utilizado no fazer etnográfico.

## 2.1 VISÕES, USOS E REFLEXÕES: um olhar a partir da obra “Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica”

O processo de escrita dessa dissertação permitiu um encontro com algumas/ns autoras/es e suas pesquisas, a exemplo de José Luís Lopes Araújo (1997), Rosalvo Nobre Carneiro, Ivanilda Teixeira do Amaral (2017), Joyciana da Silva Medeiros (2019), Maria Rodrigues de Souza (2004), entre outras/os que serão apresentadas/os no decorrer do texto. Para além de uma ligação temática, ou seja, todas/os abordarem em seus estudos sobre a “rede de dormir”, elas/es também dialogam com a obra “Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica” de Luís Câmara Cascudo (2003). Mas afinal, quem foi Câmara Cascudo e porquê ele vem sendo utilizado em pesquisas que abordem a temática da rede de dormir?

Câmara Cascudo é nordestino, natural da cidade do Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, que faz divisa com Paraíba e Ceará. O mesmo nasceu em 30 de dezembro de 1898 e faleceu em 30 de julho de 1986, em sua cidade natal. Escritor de mais de 170 livros e considerado folclorista e estudioso da cultura popular, Cascudo conseguiu, por meio de seus escritos, transitar nas áreas da antropologia, etnografia, história, geografia, literatura, religião e da cultura popular, destacando-se no campo dos estudos sobre folclore.

Um das obras que melhor me auxiliou na compreensão sobre as redes de dormir é o livro “Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica” de Câmara Cascudo, sendo, pois, uma das referências mais utilizadas por pesquisadores/as que abordam sobre o tema em seus estudos. Nela podemos encontrar aspectos relevantes para o entendimento dos usos das redes de dormir, analisando o seu aspecto cultural e simbólico.

Registrando poemas e falas, Câmara Cascudo (2003) conseguiu unir em sua obra personagens como Cassimiro de Abreu, Castro Alves, e Ferreira Itajubá, que em algum momento pensaram e escreveram sobre as redes de dormir.

Inicialmente denominada pelos indígenas Tupiniquins de “ini”, e registrado também pelos estrangeiros como Hans Staden, Jean de Lery, André Thevet, Claude d' Abbeville, Jean Nieuhof e outros, o objeto recebe um novo nome dado pelos colonizadores portugueses. Por ter alguma semelhança com a rede de pesca, a “ini” começa a ser chamada de rede de dormir. Eis o motivo das aspas na apresentação deste capítulo na palavra “chegada”, pois a “ini” já integrava o dia a dia das/os que aqui moravam.

Neste momento, podemos observar o colonialismo português sendo imposto sobre a população e ao objeto que já era denominado pelos indígenas como “ini”. Cascudo (2003) se refere a este momento como uma “alcunha portuguesa”, onde, sem uma consulta impõe uma nova denominação.

O termo colonizado “rede de dormir” foi apadrinhado por Pero Vaz de Caminha no ano de 1500, sendo o primeiro a citar, no Brasil, a presença da rede de dormir.

[...] em que haveria nove ou dez casas, as quais eram tão compridas, cada uma, como esta nau-capitânia. Eram de madeira, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoada altura; todas duma só peça, sem nenhum repartimento, tinham dentro muitos esteios; e, de esteio a esteio, **uma rede atada pelos cabos, alta, em que dormiam**. Debaixo, para se aquentarem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma num cabo, e outra no outro. (A Carta de Pero Vaz de Caminha – MINISTÉRIO DA CULTURA, grifo do autor)

A “rede de dormir” ganhou uma dimensão de uso mais ampla, fazendo com que a terminologia “ini” fosse deixada de ser usada. Neste momento é possível perceber a presença do etnocentrismo colonial, não havendo o respeito à cultura dos povos originários, tampouco mantendo qualquer tipo de diálogo com os povos indígenas Tupiniquins. De fato, o processo de colonização portuguesa deixou sua marca no fazer etnocêntrico. A “ini” é uma das várias representações desse ocorrido que reflete

até hoje na sociedade. Confesso que não tinha conhecimento sobre o nome inicial da rede de dormir – “ini”, pois, mesmo vivendo vários anos da minha vida em São Bento/PB, não fui apresentado ao referido termo, seja pelas/os professoras/as ou familiares.

Everardo Rocha (1988, p. 50) compreende o etnocentrismo como sendo uma “[...] visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência [...]”. Desse modo, o etnocentrismo é considerado quando uma visão de mundo de certo grupo é posta ao outro, sem preocupar-se com os valores existentes no grupo, seja ele cultural, moral, intelectual e relacional. De fato é a imposição de reflexões e representações de um grupo sobre outro, e isso pôde ser visto no processo de colonização, quando Pero Vaz de Caminha compara a rede de pesca com a “ini”, e a partir dessa descrição a nomeia por rede de dormir.

A atitude de superioridade e o desprezo cultural para com as/os indígenas foi uma marca do processo de colonização, portanto, no processo desta escrita irei fazer uso do “ini” quando a abordagem de discussão estiver relacionada aos povos indígenas. Sigamos!

Sendo observada como uma característica forte e peculiar da cultura indígena, a ini estava presente acompanhando-as/os desde o nascimento até o último suspiro, uma vez que a ini era utilizada no sepultamento dos corpos. Isto posto, ao nascer, “[...] o curumim dormia seu primeiro sono na “ini” e dela nunca mais se separava. Ao falecer era sepultado [...]” (CASCUDO, 2003, p. 27).

Cascudo (2003, p. 24), relata que a ini sofreu uma adaptação portuguesa, antes feita por “[...] fios torcidos de algodão com algumas travessas que serviam de reforço e coesão [...]”, porém, com a chegada das mulheres portuguesas, o modo de fazer a rede ganhou uma nova técnica, tendo agora seu tecido compacto. Podemos considerar que o uso da rede de dormir pode ter ganho dimensões colonizadoras, por onde iam levavam a rede de dormir, disseminando e, possivelmente, aprimorando as técnicas de feitura.

O indígena impôs ao colonizador a farinha de mandioca, como alimentação solucionadora para penetrar o sertão e manter-se sem o reforço do produto europeu, e a rede constituiu o descanso tranquilo, pronto, acessível, natural pela facilidade da aquisição. (CASCUDO, 2003, p. 26)

Trazendo em si possibilidades significativas para o uso, a rede de dormir pode ter utilidades diversificadas. A depender do grupo em que ela esteja inserida, pode ganhar significados distintos, como por exemplo, em alguns contextos, a rede pode ser o local ideal para consumir o jantar, ou o descanso da sesta, para recuperar da fadiga após um dia de atividades e até mesmo servir como objeto fúnebre, como bem anuncia Câmara Cascudo (2003).

Há quem diga que trabalhar na rede possibilita um “melhor raciocínio”. O Senador Pedro Velho é um deles que, estando hospedado em um hotel na cidade do Rio de Janeiro, pediu para colocarem armadores<sup>16</sup> em seu quarto, buscando uma melhor acomodação e assim um rendimento de trabalho, pois segundo ele “[...] a cantiga rangente das escápulas excitava-lhe a rapidez do raciocínio [...]” (CASCUDO, 2003, p. 14).

No momento em que li esse trecho do livro, lembrei de um fato que sempre me chamava atenção quando criança. Um casal de amigos de minha tia, quando viajavam e estavam escolhendo a hospedagem em algum hotel, sempre questionavam se no quarto havia armador, isso ocorria pelo fato de que um deles só conseguia dormir em rede. Há uma relação forte entre as/os sertanejas/os e a rede de dormir, pois elas/es fazem o uso constante das mesmas. Cascudo (2003) assegura que o objeto integra o corpo do sertanejo nordestino, acompanhando-as/os em suas andanças durante a região, servindo como a principal forma de obter o descanso.

O uso da rede de dormir começa a percorrer outras regiões para além do Norte e Nordeste, atribuindo finalidade a que convém à região, no qual um dos fatores é a condição climática, assim, “[...] nas regiões meridionais e centrais do Brasil a rede seguirá o tupi e contaminará o colono, mameluco, curiboca, brasileiro de seiscentos e setecentos [...]” (CASCUDO, 2003, p. 33). No estado do Espírito Santo, a rede de dormir começa a ser vista em varandas das casas de praia, em fazendas ou em pequenas casas. Percebe-se que a utilidade da rede, nesse caso, é reduzida visto que as pessoas desse estado fazem o uso da rede não especificamente para dormir cotidianamente à noite, mas sim, para usá-las em situações extraordinárias, como um simples cochilo após o almoço e etc.

Como posto anteriormente, o uso da rede de dormir no Espírito Santo e no Rio de Janeiro ganha uma representatividade significativa como sendo um objeto de

---

<sup>16</sup> Objeto fixado na parede onde a rede fica dependurada

recordação nordestina, enquanto nos estados de Mato Grosso e Goiás, a existência da rede de dormir simbolizava uma forte presença nordestina (CASCUDO, 2003).

A obra “Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica”, de Câmara Cascudo (2003), apresenta algumas maneiras de uso que a rede de dormir ganhou nas regiões do Brasil, seja para descanso noturno e da sesta, leituras, seja para manter conversas, realizar leituras e entre outros. Assim, pode-se observar que o modo de uso dado a rede de dormir pode ser distinto de acordo com os grupos e/ou regiões, não sendo utilizada apenas por pessoas de baixa renda, desmistificando uma das ideias de uso tido pelas/os paulistas, no qual para elas/es, “[...] só gente muito pobre é que dorme na rede [...]” (CASCUDO, 2003, p. 40).

José Luís Lopes de Araújo (1997), a partir do escrito de Câmara Cascudo, levamos a refletir que a produção da “rede de dormir” se confunde com a própria história do Brasil pelo fato de que, no período de colonização, a rede de dormir já era utilizada com frequência. Segundo Cascudo (2003, p. 14), “Depois da farinha de mandioca a rede foi o primeiro elemento de adaptação, de acomodação, de conquista do português. Eram fios torcidos de algodão com algumas travessas que serviam de reforço e coesão.”

Na região Nordeste<sup>17</sup> a rede de dormir está presente em muitos espaços, integrando o cotidiano dos nordestinos e das nordestinas. Podemos visualizar a relação rede-nordeste com ajuda de alguns trabalhos já publicados sobre o tema. Alguns serão resgatados no decorrer desta dissertação, no qual adianto que um deles é o de José Luís Lopes de Araújo (1997) intitulado “As transformações na produção artesanal de redes-de-dormir no Nordeste Brasileiro e suas relações com a representação do espaço”, trabalho fruto do estudo de doutorado.

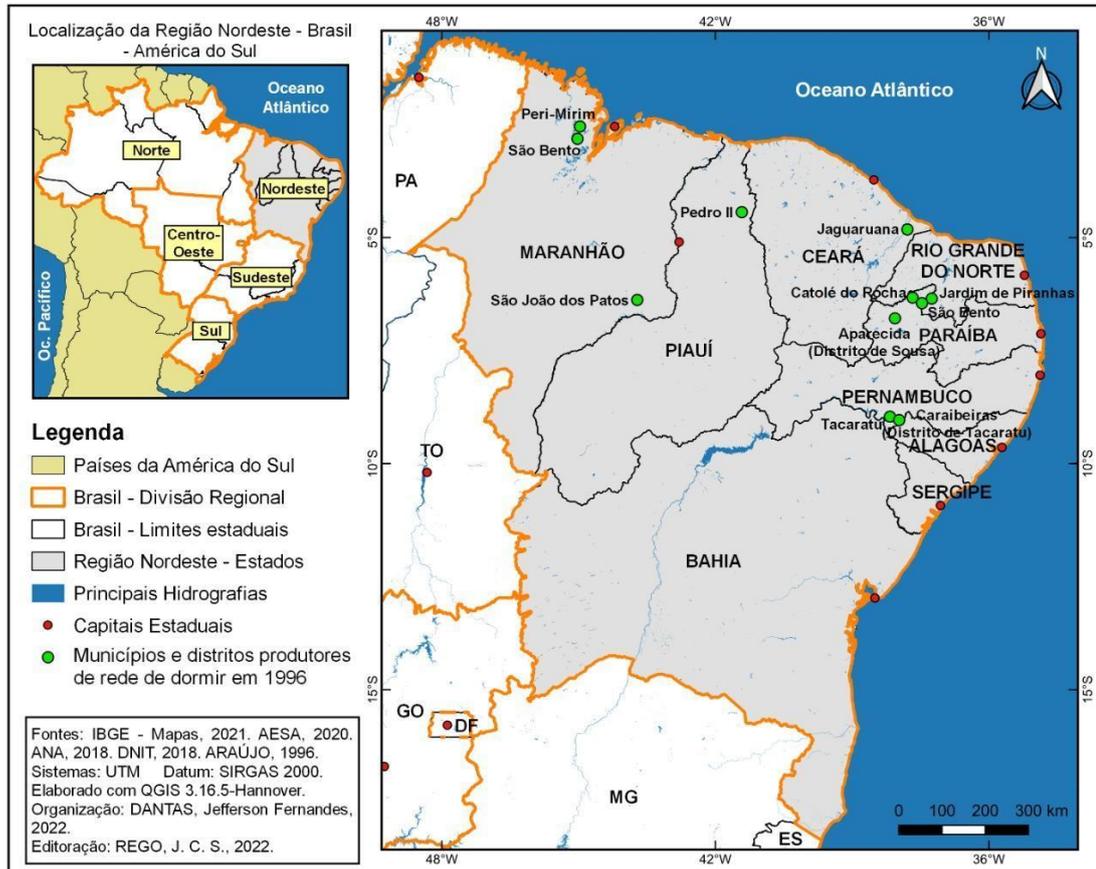
Na obra de Araújo (1997) é apresentado um recorte da região nordestina, no qual localizam-se alguns Municípios e Distritos (a época) que incorporam o envolvimento com a produção da rede de dormir. Na Figura 3 é possível perceber a presença da rede de dormir em algumas cidades do estado do Maranhão (São Bento, Peri Mirim e São João de Patos), no Piauí (Pedro II), Ceará (Jaguaruana), Rio Grande

---

<sup>17</sup> O Nordeste é formado por nove Estados sendo eles: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Em 1996 já era possível observar o envolvimento com a produção da rede de dormir presente em quase todos os Estados dessa região.

do Norte (Jardim de Piranhas), Paraíba (São Bento, Catolé do Rocha e Aparecida) e em Pernambuco (Tacaratu e Caraipeiras).

**Figura 3** - Recorte da região nordeste com municípios e distritos que produzem a rede de dormir.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

A Figura 3 viabiliza uma leitura sobre a presença da rede de dormir em praticamente todos os Estados que formam o Nordeste. Para além das redes dormir, nesses espaços também são produzidos produtos têxteis como pano de prato, pano de chão, tapetes, toalhas de mesa, mantas, entre outros.

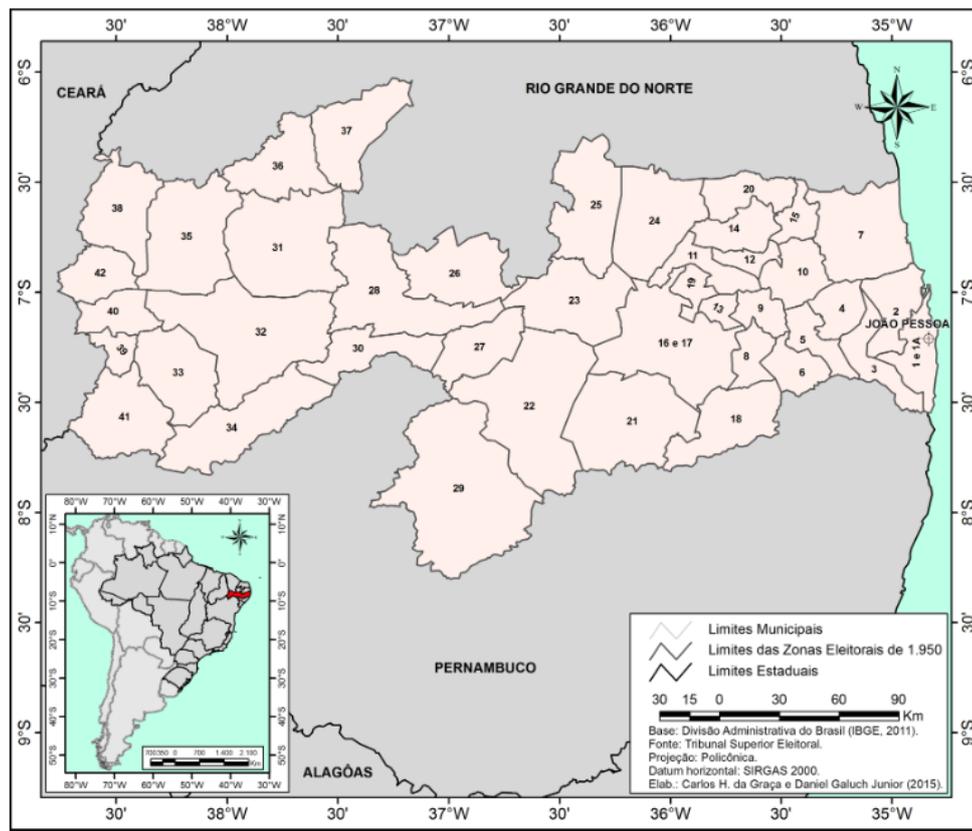
Segundo Araújo (1997), a confecção de redes de dormir no Nordeste tem origem nas zonas rurais, onde concentravam-se grande parte das pessoas que eram dedicadas ao ramo de produção, e estas integram um circuito de sociabilidade que permeia as/os produtoras/es da rede de dormir, fornecedoras/es das matérias primas e as/os consumidoras/es.

## 2.2 “DESDE QUE EU ME ENTENDO DE GENTE, AQUI TODO MUNDO FABRICA, TRABALHA COM REDE”: São Bento/PB, de vila à capital mundial das redes

Em 1950, o estado da Paraíba detinha um total de 89 fábricas que atuavam na produção das redes de dormir, no entanto, em 1956 houve uma diminuição desse quantitativo, ficando em apenas 15 no total. Segundo Cascudo (2003, p. 130), essas fábricas ficaram distribuídas nos municípios de “Caiçara (Vila de Duas Estradas), onde há uma; duas em Campina Grande; três em Guarabira; três no Sapé; uma no Picuí; uma no Esperança e quatro no Brejo do Cruz, no povoado de São Bento”.

A Figura 4 permite voltarmos no tempo e visualizar a divisão por zonas eleitorais em 1950, na qual São Bento/PB ainda não integrava o Estado enquanto cidade, e sim como povoado.

**Figura 4** - Mapa da Paraíba com divisões de zonas eleitorais em 1950.



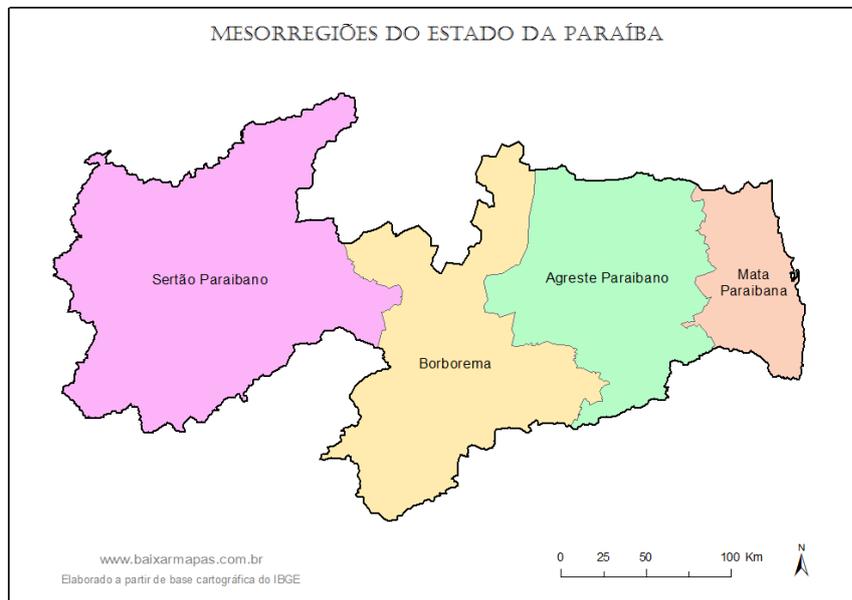
Fonte: (GRAÇA; GALUCH JÚNIOR, 2015)

No mapa da Paraíba com a divisão das zonas eleitorais em 1950 (Figura 4) mostra que havia 42 zonas eleitorais por todo Estado e o povoado de São Bento, no qual Cascudo (2003) faz menção, integrava a zona do município de Brejo do Cruz-PB

que está representado pelo número 37. Essa informação é importante para mostrar que a área atual de São Bento/PB pertencia ao município de Brejo do Cruz/PB, porém, em 1957, o então povoado foi elevado à categoria de município, por meio da Lei Estadual nº 2073 de 29 de abril de 1959.

O estado da Paraíba é dividido em quatro mesorregiões: Mata Paraibana, Agreste Paraibano, Borborema e Sertão Paraibano. Segundo o IBGE (1990), mesorregião é compreendida como uma área que agrupa cidades que apresentam dimensões do processo social, do processo natural, rede de comunicação e de lugares, ou seja, localizações que tenham aspectos de equivalentes.

**Figura 5 - Divisão do estado da Paraíba em mesorregiões**



Fonte: IBGE (1990?)

Dentre as localidades da Paraíba que Cascudo (2003) e Araújo (1997) citam no circuito de fabricação das redes de dormir está São Bento/PB, cidade localizada no sertão do estado da Paraíba, estando aproximadamente a 400 km da capital, João Pessoa, com 34.031 mil habitantes<sup>18</sup>, conforme dados do IBGE (2019).

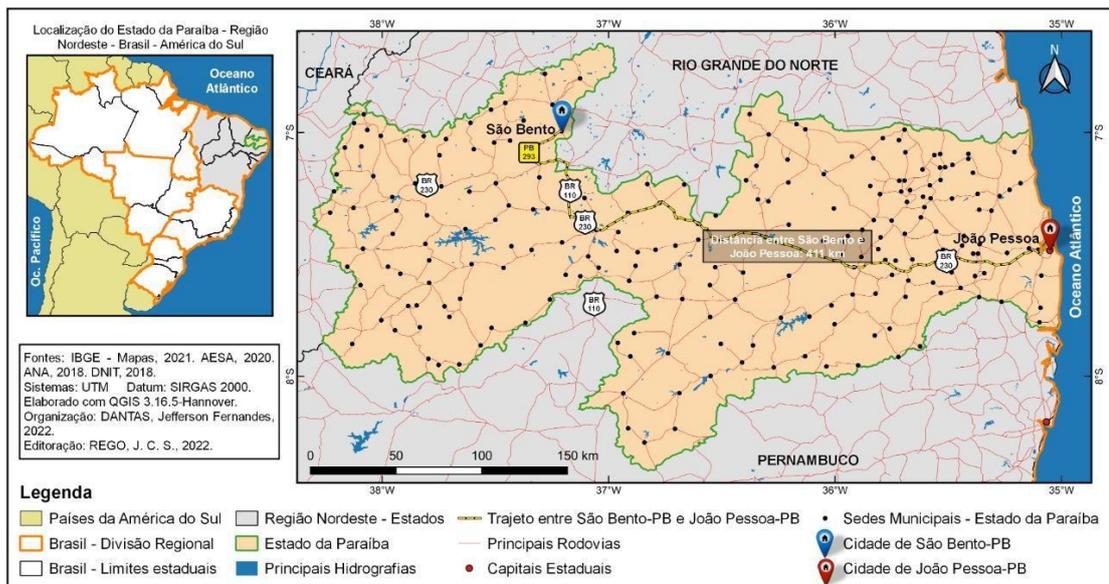
**Figura 6 - Mapa da Paraíba com destaque em São Bento/PB.**

<sup>18</sup> Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019.



Fonte: Google Maps (2021)

**Figura 7 - Distância entre João Pessoa, capital da Paraíba, e São Bento/PB.**



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

A fabricação da rede de dormir está presente na cidade de São Bento/PB desde o período em que a área geográfica era pertencente ao município de Brejo do Cruz/PB. Genival Silva (2010), Rosalvo Carneiro (2014) afirmam que o processo de fabricação da rede de dormir mantém-se na região desde meados do século XIX. Ainda como povoado, a produção da rede de dormir estaria ligada a mecanismos essenciais de sustento e manutenção das vidas locais. Assim, de acordo com Medeiros (2019, p. 37)

Os são-bentenses mantinham seus teares de madeira que serviam para fazer os leitos de seus familiares; produzir as peças de enxoval para as moças que estavam próximas a contrair matrimônio; roupas e outros artigos têxteis; mas nada que levasse em consideração uma produção para comercialização.

O dia a dia da população são-bentense, assim chamada as pessoas que nascem em São Bento/PB ou que se sentem pertencentes à cidade, é representado fortemente pela produção e comercialização das redes de dormir. A rede de dormir mobiliza muitas pessoas, direta ou indiretamente, desde a sua confecção até a comercialização do objeto, o que favorece à cidade uma economia própria. As experiências familiares contribuíram com a disseminação do modo de fazer a rede de dormir, propiciando fornecer um compartilhamento de conhecimento entre os próprios membros da família, que vem sendo repassado de geração em geração. Sobre isso Medeiros (2019, p. 29) explica que

A fabricação das redes de dormir em São Bento nasceu no seio familiar, se modernizou a partir dos avanços técnicos da indústria em meados de 1960, sem perder o caráter de produção familiar que vai se estender por um período expressivo, sendo a base dessa prática advinda da zona rural, e adentrada na vida dos moradores do povoado, mais tarde transformado em cidade.

Antes de se tornar cidade, o povoado que hoje é São Bento/PB já fabricava a rede de dormir. Da época de produção não se tem registro iconográfico, sendo os relatos a partir das memórias que se constituem enquanto fontes primárias junto dos vários mecanismos de resgates que se consegue estabelecer as relações entre situações e acontecimentos do passado que são registrados apenas em suas lembranças. Joycianna Medeiros (2019) ouviu alguns desses relatos que servem como registros orais de memórias. Neles, as/os interlocutoras/es relatam sobre o modo de vida que tinham durante as fases anteriores e, através das falas, podemos ir construindo um pouco sobre a trajetória da rede de dormir em São Bento/PB.

A oportunidade e a viabilidade em ouvir ou ler os relatos de moradoras/es mais antigas/os é muito importante para a pesquisa e para mim enquanto nascido em São Bento/PB, pois neles é possível revisitar o passado e compreender suas trajetórias pessoais e o envolvimento com a rede de dormir. Algumas falas são ricas em detalhes, e assim fiz um recorte de algumas que podem vir a somar na configuração das ideias aqui postas. Numa delas, Manoel Valeriano da Silva, conhecido por “Seu Branco” relatou que no ano de 1952, Martinho Lúcio havia colocado três teares de redes em sua casa e precisava de pessoas para produzirem as redes com ele. O tear era conhecido, na época, como o tear de três panos<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Tear de três panos: Tear de madeira, ou como é mais conhecido, tear de pau horizontal, utilizado pelos são-bentenses na fabricação de redes em seu modo artesanal, e em nível familiar. Era bastante rudimentar e só permitia tecer um pano de 60 cm de largura de cada vez, para a rede ficar pronta nos

O tear de três panos que Seu Branco foi trabalhar tinha características parecidas com os registros fotográficos presentes no trabalho “O saber-fazer da tecelagem manual das redes de dormir de Pedro II-PI: uma proposta de Inventário Participativo – TeMa” de Ivanilda Amaral (2017). Como já dito anteriormente, não existem registros de artefatos da rede de dormir do período em que São Bento/PB fazia parte do território de Brejo do Cruz, assim trago alguns dos registros presentes no trabalho citado.

**Figura 9 - Tear de três panos 01**



Fonte: Amaral (2017).

**Figura 8 - Tear de três panos 02**



Fonte: Amaral (2017).

Em entrevista, Manoel Valeriano da Silva, conhecido por Seu Branco (abaixo identificado por MS), e sua esposa Maria Adelaide de Oliveira (abaixo identificado por MO) relataram como era o período da fabricação da rede no sítio em que moravam. Suas falas nos oportunizam fazer uma viagem ao tempo, assim como também nos faz perceber aspectos mencionados na obra de Cascudo (2012), a exemplo da presença feminina no processo de fabricação do produto.

MS - Em 1950 a gente fazia as rede no sítio, quem tinha tear né? Quem num tinha ajeitava o fio, aquela coisa toda, quase todo mundo tinha o engenho, que ajeitava o fio nesse engenho, num sabe? Aí as mulher [...] elas fazia tudo junto. Era umas cinco ou seis mulher que saía com as redes nas costas pra trabalhar numa casa, passava o dia tecendo, tecia as redes da casa, né? Aí fazia as redes [Interrupção da sua esposa Maria Adelaide de Oliveira].

MO - A rede que eu fiz na época do meu casamento foi fiada num dia. Porque tinha que ser uma rede nova e bonita pra levar, e a minha rede foi fiada num dia, e a gente fez a rede na casa da minha irmã Severina.

MS - A rede do meu casamento.

---

padrões de 1,80m de largura, eram necessários três panos, que seriam juntados em um processo posterior de costura, por isso o nome *tear de três panos* (MEDEIROS, 2019).

MO - Era.

[risos]

MO - Foi fiada num dia essa rede. Aí levaram pra casa duma mulher que tinha aqui na Várzea da Serra que chamava Mariquinha Serafim, aí ela tecia os três panos e a gente emendava, costurava né!

(SILVA, 2018)<sup>20</sup>

O relato de Dona Adelaide apresenta similaridade no que foi observado por Gabriel Soares de Sousa em 1587 quando teve contato com a comunidade Tupinambá, no qual, segundo ele, “[...] **as mulheres** deste gentio não cozem, nem lavam; somente **fiam algodão**, de que não fazem teias, como poderiam; porque não sabem tecer; **fazem deste fiado as redes em que dormem**, que não são lavradas [...]” (CASCUDO, 2003, p. 24, grifo do autor).

A fala de Dona Adelaide traz uma marca da presença feminina no processo de fabricação da rede de dormir em São Bento/PB, ao dizer que “[...] aí as mulher, elas fazia tudo junto [...]”, retratando um momento de união, onde mulheres se reuniam para fazer a rede.

As lembranças resgatadas por Seu Branco assemelham-se ao aspecto do feito feminino ao contar como as redes de dormir eram feitas por sua mãe em “lá as nossas redes mamãe era quem fiava, fazia [...] em algum lugar ela fiava, num engenho de fio, aí ela mandava pra essas mulher que tinha esses tear de três redes, aí costurava as rede, fazia uma rede [...]” (SILVA, 2018)<sup>21</sup>. O relato de Seu Branco nos mostra que o feito da rede de dormir era mais voltado a mulheres, o que também é dito por Cascudo (2003, p. 28) quando diz que “[...] **o artesanato das redes competia**, como a técnica oleira, **às mulheres** indígenas[...]” e em “[...] a tradição, entretanto, **entrega este labor às mulheres** e no sertão, antes do surto industrial de sua fabricação, o encargo das redes era ofício feminino [...]” (CASCUDO, 2003, p. 28, grifo do autor).

Em São Bento/PB, algumas mulheres dividem os trabalhos domésticos com a fabricação da rede de dormir. São elas as principais responsáveis para que a cidade

---

<sup>20</sup> SILVA, Manoel Valeriano da. **Entrevista I**. (jan. 2018) São Bento/PB, 2018, p. 59-60. A autora utiliza na transcrição os nomes abreviados, neste caso Manoel Valeriano da Silva é identificado por “MS” e Maria Adelaide de Oliveira por “MO”.

<sup>21</sup> SILVA, Manoel Valeriano da. **Entrevista I**. (jan. 2018). São Bento/PB, 2018, p. 60. – Trecho extraído da entrevista.

chegue a produzir cerca de 12 milhões de rede anualmente<sup>22</sup>. Esse quantitativo faz a rede de dormir ter uma importante significação, pois o monumento que fica na entrada da cidade faz referência à importância que as redes adquirem na vida das/os são-bentenses. O monumento que recepciona as pessoas que chegam à cidade está escrito “Capital mundial das redes”, como pode ser avistado na Figura 10.

**Figura 10** - Portal em uma das entradas de São Bento/PB.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

A labuta das/os que atuam no processo de fabricação da rede de dormir começa bem cedo. Por volta das 04:00 horas da manhã já é possível ouvir os sons dos teares e das máquinas costurando. O sol vai nascendo e a produção das redes já foi iniciada, seja ela em casa ou nas fábricas.

O dia de segunda-feira é bastante corrido e movimentado em São Bento/PB. A agitação se dá pelo fato da realização da tradicional feira da pedra que acontece há 30 anos na cidade. Antigamente a referida feira ocorria na região central da cidade, na qual eram comercializadas uma grande diversidade de redes de dormir. Porém, no ano de 2018, a feira deixou de ser realizada nas ruas do centro e passou a ocorrer no Shopping das Redes Francisco Severino de Sousa, construído pelo governo municipal, conforme ilustra a Figura 11.

---

<sup>22</sup> Reportagem: São Bento produz 12 milhões de rede por ano e escoia produção com vendas online. Disponível em: <https://www.jornaldaparaiba.com.br/economia/sao-bento-produz-12-milhoes-de-redes-por-ano-e-escoa-producao-com-vendas-online.html>. Acesso em: 10 abr. 2021.

**Figura 11** - Feira da Pedra no centro de São Bento/PB.



Fonte: Santos (2012).

**Figura 12** - Comercialização das redes de dormir na Feira da Pedra no centro de São Bento/PB.



Fonte: Santos (2012).

Em 2019 foi protocolado, na Câmara dos Deputados, o Projeto de Lei Nº 5.348, de autoria do deputado federal Gervásio Maia, no qual instituiu o dia 06 de setembro como dia Nacional do Redeiro, declarando São Bento/PB como sendo a Capital Nacional das Redes. Ao pesquisar sobre a proposta no site da câmara federal é

possível verificar que a proposição não deu seguimento por estar formalizada de modo equivocado, não seguindo as instruções do art. 4 da lei 12.345/2010 que trata sobre critérios de data comemorativa na qual afirma que “A proposição de data comemorativa será objeto de projeto de lei, acompanhado de comprovação da realização de consultas e/ou audiências públicas a amplos setores da população, conforme estabelecido no art. 2º desta Lei.” (BRASIL, 2010).

O projeto de Lei que o deputado Gervásio Maia propôs teria um valor mais institucional, pois mesmo sem esse “reconhecimento” o título de “capital nacional das redes” permanece latente, enfatizando a importância da produção desse objeto para o território são-bentense, bem como para as mulheres e homens que atuam no processo de fabricação.

O fazer a rede pode ser considerado um processo longo pelo fato de ser realizada por meio da divisão das tarefas. O processo envolve técnicas e saberes-fazeres de confecção, além, é claro, da comercialização por meio das lojas, das/os vendedoras/es ambulantes e da exportação para várias regiões do país.

**Fluxograma 01 – Etapas do processo de fabricação da rede de dormir.**



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Os fios chegam às fábricas para o preparo do tecido que formará a rede. Ao receberem o fio cru, ou seja, sem coloração alguma, ele passa pelo processo chamado “urdidura” no qual é marcado o tamanho da rede a partir da disposição dos fios em duas traves de madeira, contendo pinos de madeira ou ferro para os fios serem

postos. Após os fios já medidos, eles são levados para o tingimento no qual ocorre a coloração. Esse processo é realizado em um recipiente de ferro, onde são postos os fios e a cor desejada, como mostra nas Figuras 13 e 14, respectivamente.

**Figura 13** - Homem realizando a urdidura do fio.



Fonte: Carneiro (2001).

**Figura 14** - Tingimento dos fios das redes de dormir.



Fonte: Medeiros (2015).

Durante a pesquisa, foi falado pelas/os interlocutoras/es que o processo de tingimento já não é tão utilizado como antes, em sua maioria os fios já são comprados na coloração a ser utilizada.

Depois de tingidos, os fios são preparados para irem ao tear. Os homens montam a disposição dos fios (Figura 15) que serão colocados no tear (Figura 16) e darão o desenho ao tecido da rede de dormir. Quando finalizado, os tecidos são cortados e se iniciam as fases que darão formato de rede de dormir.

**Figura 15** - Homem preparando os fios que formarão o tecido da rede.



Fonte: Medeiros (2015).

**Figura 16** - Homem manuseando o tear elétrico.



Fonte: Medeiros (2015).

Com o tecido pronto e cortado, ele segue para a costura (Figura 17). O “passar o ponto” como costuma ser chamado, consiste na execução de uma costura nas duas extremidades do tecido por meio da máquina. O local costurado recebe os fios para o punho, por onde a rede ficará armada.

**Figura 17** - Mulher costurando uma das extremidades da rede



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

A rede exposta na Figura 17 passou pelo processo chamado de “enfiar a cabeça”, que consiste em furar o tecido com um objeto pontiagudo que tem o fio acoplado, no qual a/o artesã/o vai furando e deixando “umas cabeças de fio” para ser feito o punho da rede. Logo após a costura, cada tipo de rede segue um trajeto diferente. Algumas devem passar pelo processo de mamucaba (Figura 18 e 19) e entrelaçar as cabeças. Outras seguem direto para o preparo do punho da rede.

**Figura 18** - Artesã fazendo mamucaba na rede



Fonte: Medeiros (2015)

**Figura 19 - Mamucaba na rede**



Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

A rede segue para que seja feito o “punho” (Figura 20). O local onde ela fica suspensa permite que os usuários se balancem. O punho é feito manualmente com a ajuda de um banco de madeira com dois pinos - também de madeira -, no qual delimitam o tamanho do punho. Em seguida, a rede é encaminhada para feitura do “caré” (Figura 21 e 22), local por onde a rede fica armada.

**Figura 20 - Artesão empunhando a rede.**



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

**Figura 21 - Artesão fazendo caré**

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

**Figura 212 - Caré finalizado**

Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Com as fases descritas acima já finalizadas, elas são encaminhadas para os “enfeites”, que a depender do tipo da rede, podem ser diferenciados. As varandas podem ser costuradas na máquina ou feitas de forma manual. Para essa segunda opção, os tecidos são furados para a fixação dos fios que irão tomar forma de desenhos nas varandas das redes. Alguns outros tipos de rede seguem para serem desenhadas com tinta ou em máquina de bordado.

**Figura 22 - Artesã fazendo a varanda da rede.**

Fonte: Medeiros (2015)

**Figura 23** - Varanda sendo costurada na rede.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020)

Em sua obra, Cascudo (2003) aponta que a vinda dos teares possibilitou um aperfeiçoamento da técnica do feitiço da rede, bem como a inserção de mais adereços como franjas, varandas, desenhos e pinturas.

Devido ao grande número de produção da rede de dormir a rede, e por ser considerada um potencial econômico de São Bento/PB, a cidade possui espaços públicos com nomes de pessoas que atuavam no processo de fabricação da rede, além de que, alguns eventos da cidade, tais como a Festa de São João e a ornamentação de final do ano levam características que remetem a rede de dormir. Assim sendo, as redes são consideradas como dispositivos de reconhecimento e representação identitária, pontos esses que serão abordados nos próximos capítulos.

Dessa forma, neste primeiro capítulo da dissertação busquei expor meu universo de pesquisa desde os primeiros registros da “ini” até as chegadas das/os portuguesas/es que, ao verem o objeto, a denominaram por outro nome: a rede de dormir, pois na concepção delas/es, a ini tinha semelhanças com a malha da rede de pesca. Esta parte do texto tem como suporte teórico os escritos de Câmara Cascudo, em especial a obra “Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica”, publicada em 2003.

Já na segunda parte deste primeiro capítulo busquei evidenciar o meu recorte espacial e territorial em que se localiza o meu objeto de estudo apresentando assim a cidade de São Bento, situada no sertão nordestino, mais especificamente no estado da Paraíba. São Bento/PB produz cerca de 12 milhões de redes, distribuindo a exportação das mesmas entre várias outras cidades via *Correios*, vindo a se tornar a 3ª agência de maior movimentação do estado da Paraíba.

“Não se estudam apenas processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas as representações que se constroem na e sobre a cidade. Indo mais além, pode-se dizer que a História Cultural passa a trabalhar com o imaginário urbano, o que implica resgatar discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais. O imaginário urbano, como todo imaginário, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações urbanas” (PESAVENTO, 2003, p. 77-78).

### 3 “É UM TRABALHO BOM, TRABALHA MUITO”: histórias e trajetórias de pessoas que trabalham ou já trabalharam no processo de fabricação da rede de dormir.

A proposta deste capítulo é apresentar a disposição da rede de dormir em alguns espaços na cidade de São Bento/PB. Como ideia, socializo o significado que a rede tem para a cidade bem como para os que lá nasceram e/ou residem. O aumento significativo da produção da rede de dormir está ligado diretamente a dedicação das pessoas neste feito e esta torna São Bento/PB conhecida como a capital mundial das redes.

Trago as narrativas das/os interlocutoras/es da pesquisa no qual pude conversar com algumas pessoas de São Bento/PB que já trabalharam ou ainda trabalham no processo de fabricação das redes de dormir. Busquei identificar como elas/es aprenderam a atuar nas fases da produção identificando as relações que se firmam a partir disto, e as memórias que o processo de ensino-aprendizagem da fabricação das redes promove.

Produzindo uma pesquisa com as/os produtoras/es de redes e não sobre elas/es, propicio uma construção de um produto textual polifônico, tal como proposto por James Clifford (2002), a fim de apresentar a multiplicidade de atores. Ou seja, uma reconstrução de suas trajetórias enquanto partes envolvidas e mantenedoras desse circuito que gira em torno da produção e comercialização da rede de dormir.

Fazendo uso da etnografia para a construção deste trabalho, apresento as narrativas das/os interlocutoras/es dialogando com minha escrita e com as/os teóricas/os que utilizo no desenvolvimento da mesma. Assim, ao adicionar as narrativas das/os interlocutoras/es, optei por atribuir às narrativas aqui transcritas, a padronização da letra *itálica* para que pudéssemos destacar as narrativas das citações diretas das/os autoras/es que trazemos ao longo do texto.

Tratando-se de um texto polifônico, trago uma apresentação estética diferenciada entre os discursos aqui postos: os meus, os das/dos interlocutoras/es e

das/os autoras/es. Como já dito, as/os interlocutoras/es estarão com suas falas identificadas com a configuração em itálico e caso esteja com três ou mais linhas, será posta com o recuo de quatro centímetros à esquerda. A diferença entre a escrita do pesquisador e as narrativas das/os entrevistadas/os é posto de modo a distinguir as vozes que compõem os trabalhos. Trago como exemplo pesquisas como a de Diego Alano Pinheiro (2021), Arthur Leandro Novo (2021), Pietra Conceição Paiva (2020) e Cristiano Wellington Noberto Ramalho (2012) que apresentam de modo distinto as falas de suas/eus interlocutoras/es.

É importante pontuar que as transcrições das falas aqui postas refletem exatamente o modo como foi falado durante as conversas com as/os interlocutoras/es, então, poderá ser visto aqui termos como a exemplo de “muié” ou “muiéres” que se refere à “mulher/mulheres” ou até mesmo “peda” como sinônimo de “pedra”.

Os relatos auxiliam na compreensão do processo de sociabilidade que a rede de dormir gera no percurso de fabricação, envolvendo particularidades das diferentes famílias, desde a produção à comercialização na Feira da Pedra, atualmente Shopping das Redes. Essa feira recebe o nome de Francisco Severino de Sousa, um dos personagens de São Bento/PB que representa as/os vendedoras/es de rede que saem da cidade para comercializarem o produto em outras cidades e Estados.

Além do Shopping das Redes, a cidade de São Bento/PB expressa a forte relação com a rede em muitos outros eventos e espaços, como por exemplo no São João fora de época, chamado de “Arraiá Balançando a Rede”, ou a “Festa do caminhoneiro”, a “Praça do Redeiro” e até mesmo uma lanchonete que nomeia os lanches pelas tipologias das redes.

### 3.1 "AÍ FOI ENSINANDO A GENTE FAZER, ATÉ QUE A GENTE APRENDER A ENTRANÇAR, A TORCER, FAZER VARANDA, PASSAR MAMBUCABA": a presença da rede nas vivências locais

As falas que registrei durante as entrevistas mostram que a rede de dormir sempre esteve presente no cotidiano dos homens e das mulheres que habitavam a vila que se tornou a cidade de São Bento/PB. A presença da rede de dormir nas lembranças de infância é algo comum entre as/os interlocutoras/es. Eu nasci na década de 90, posso ser considerado jovem, ou até “novo” se for analisar as histórias já vividas por aquelas/es que contribuíram e deram vozes a esta pesquisa,

possibilitando uma construção polifônica, narrada por memórias, realidades e perspectivas diferentes sobre as vivências pessoais com a rede de dormir.

Sobre o mesmo objeto, as múltiplas vozes que aqui trago apontam uma construção social marcada pela necessidade de sobrevivência e pelo “novo” que tornou hoje São Bento/PB a capital mundial das redes. Segundo Dona Terezinha “*São Bento hoje tá o que tá agradeça primeiro a Deus e depois à manutenção de rede. É, foi quem cresceu São Bento. Foi a rede, foi, pode ter certeza*”.

O processo de aprendizado do fazer a rede se dá por vezes na observação. É comum entre as/os interlocutoras/es que contribuíram para esta pesquisa o relato de que aprenderam vendo suas/eus familiares ou vizinhas/os executando as etapas da produção da rede dormir, algumas/uns delas/es expressos no segundo capítulo desta pesquisa e outros descritos no glossário, aqui também anexado. Este estudo é fruto de conversas com algumas pessoas, assim como também de algumas entrevistas cedidas e transcritas pela pesquisadora Joyciana Medeiros (2019). Toda essa junção de falas possibilita uma construção textual polifônica, como proposto por James Clifford (2002). Uma escrita narrada por vozes que trazem em si memórias, realidades e perspectivas diferentes sobre as vivências com a rede de dormir.

Esta pesquisa, antes de ter um valor científico, tem um valor pessoal imenso. Foi a partir dela que pude chegar a leituras que não estavam previstas em minha consciência, como por exemplo ouvir minha tia Severina e minha avó Nice externalizando momentos vivenciados a partir de experiências com a rede de dormir. Poder viajar no tempo, conhecer realidades e vivências locais que muito me enriqueceram, fazendo com que eu me aproxime cada vez mais de meu povo. Como já expus anteriormente, alguns dos diálogos que seguem aqui são resultado de algumas entrevistas realizadas por uma outra pesquisadora. Quando tive acesso ao material de Joyciana, pude me debruçar sobre falas de pessoas que tinham histórias completamente desconhecidas por mim, embora já tivesse ouvido falar de algumas/uns dos/as interlocutoras/es que Joyciana utilizou, tais como Cícero Emídio, Dona Terezinha, Boqueirão e Galego Souza.

Debruçando sobre as transcrições cedidas, pude perceber que, enquanto criança, as/os interlocutoras/es de Joyciana participavam do processo de construção da rede de dormir em etapas que são mais “leves”, como pode ser observado na fala de Dona Terezinha Araújo. Aqui utilizarei a sigla “TA” para se referir a Terezinha Araújo e “JM” para Joyciana Medeiros.

TA - Olhe, eu me casei em mil novecentos e sessenta e quatro, sessenta e três, né!? E antes disso a minha vivência assim, pra comprar as coisas pra mim, e mãe era trabalhando em rede pra ganhar aquele dinheiro pra comprar uma roupa.

JM - E isso era a maioria das moças de São Bento né.

TA - Tudinho, era tudinho. As moças do sítio aquelas pobre, porque as da rua era mais ou menos, né!? Tinha os pais que tinham mais condição e podia dar, mas aquelas que morava nos sítio que os pais era agricultor, como o meu pai, o pai dele, que não podia dar uma roupa pra filha. Ai filha começava sabe? Pequeninha como eu, que comecei de sete a oito anos fazendo franja, eu ainda andava de calcinha quando eu fazia franja. Naquela época, uma menina de sete anos só andava de calcinha, ninguém nem ignorava, oito anos, e eu fazendo franja já pra ganhar dinheiro. Acredita?

Assim como Dona Terezinha, Dona Neta, que é vizinha de minha avó paterna Maria, também começou seu processo de aprendizagem fazendo varanda. Ela me relatou que quando pequena juntava os fios que restavam da produção da rede de sua tia para fazer a varanda. “Quando minhas tia contava as belotinhas, aí eu pegava os fiapinhos de rede das belotas, ia amarrando, amarrando até um fi grande, aí botava num pauzinho da cadeira e foi que aprendi o nó” (Dona Neta). A varanda é uma das etapas finais do processo de produção da rede de dormir. Dona Ana, segundo Joyciana Medeiros, é uma das mulheres pioneiras no processo do feitiço da rede de dormir. Na conversa entre as duas, ela contou que a sua relação com a fabricação da rede de dormir se deu aos doze anos e perdurava noite e dia.

Como já descrito anteriormente, o processo de aprendizagem por vezes se dava pela observação, assim, Dona Maria Araújo (abaixo identificada como MA) relatou à Joyciana (abaixo identificada como JM) “que quando eu era menina, mãe já tecia, então eu já [...]” e a conversa segue

MA – Lá eu só fazia o acabamento, a coisa, e botava os tecedor, tinha os tecedor lá no sítio, nos tear de pau. Ali aprontava, trocava, vendia.

JM – Sim, e no caso assim, isso já foi um serviço que vinha já de outras gerações não é? A mãe da senhora já começava e ali englobava todo mundo ali de dentro de casa?

MA – Todos trabalhavam.

JM – Todos trabalhavam, dentro de casa mesmo não existia uma ...

MA – Tinha o acabamento num sabe? Que eu pagava. Num podia fazer o acabamento, já fazia as outras coisas, eu urdia tinha dia se num tivesse ninguém, tingia quando num tivesse. Lá no sítio era tudo difícil, até tecer eu tecia.

JM – E como era esse trabalho de tecer mais ou menos?

MA – Simples, era tear de uma cia. Não, primeiro, eu comecei, quando eu era solteira, eu trabalhei só com a mão, jogava a queixa e pegava no outro, aí depois era umas cia no tear. Quando um trabalhador deixava, às vezes, o tecedor eu quem cuidava em tudo, aí eu me zangava tinha dia, aí eles iam e eu quem ia fazer, terminar para secar. Fazia tudo, Lúcio também ajudava, mas ele estudava aqui na rua. Ele veio estudar e Maria Eliza, o véi era cuidando na luta do gado e eu só, para fazer tudo em casa, aí eu tinha que pagar o acabamento não é!

Por meio dos relatos observo que a rotina de produção da rede de dormir se dava na zona rural. As atividades de feitiço da rede eram divididas da lida rural, o que gerava uma divisão nas etapas de fabricação da rede de dormir e na labuta da agricultura. Essa divisão de afazeres era o início de todo um processo que mais a frente tornaria a principal renda local. Dona Neta é uma das interlocutoras com quem pude dialogar e conhecer melhor sua história. Ela é vizinha de minha avó paterna, Dona Maria. Quando criança, morando com minha avó, tenho lembranças de ver Dona Neta na calçada com a rede posta em uma cadeira e ela fazendo as varandas da rede. Estando em São Bento, já vacinado<sup>23</sup> e ciente de que algumas das minhas interlocutoras estavam também vacinadas, fui ao encontro delas. Uma das minhas primeiras conversas foi com Dona Neta, pois, quando eu estava saindo de casa a vi sentada na calçada, aproveitando a iluminação do poste de luz e com a rede lá posta.

No início de nossa conversa fui buscando deixá-la mais à vontade possível para que pudesse compartilhar comigo sua história. Comecei perguntando como havia sido o dia, o que tinha comido e, por ser à noite, perguntei se já havia jantado. As perguntas iniciais deram abertura a uma conversa leve e me baseando em um roteiro, previamente estruturado, pude construir um diálogo com Dona Neta. Ela me relatou que em sua casa era comum observar pessoas da família “fazendo” a rede de dormir, pois sua mãe e sua avó eram vistas passando mamucaba, caseando, fazendo varanda e batendo trança<sup>24</sup>, além de seus tios que trabalhavam tecendo os panos que dariam base para a rede de dormir.

---

<sup>23</sup> O ano de 2019 só assolado pelo COVID-19, ganhando grande dimensão mundial foi considerado uma pandemia que exigiu que as pessoas permanecessem em isolamento social. Com a chegada da vacina, foi possível ir à campo com segurança.

<sup>24</sup> Todas essas etapas estão explicadas no glossário anexo a esta pesquisa.

**Figura 24 - Dona Neta produzindo a varanda da rede**



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Assim como Neta, muitas das pessoas que hoje fazem a rede de dormir viram suas/eus familiares fabricá-la no dia a dia. Eu, por exemplo, lembro-me bastante de quando criança, e morando próximo a minha avó materna que chamo de “mãe Nice”, ver uma tábua disposta sobre dois cavaletes para apoiar os tecidos das redes que seriam estampados. Isso acontecia na sala da nossa casa. Dentro de um mesmo espaço eram vivenciadas várias situações que atravessavam o mundo do trabalho, o afetivo e o familiar. A casa de Dona Cleonice, que é minha avó materna e a chamo de mãe nice, sempre esteve movida à fabricação da rede de dormir e, conversando e perguntando como se deu processo de iniciação na fabricação das redes ela disse o seguinte:

*Lá em casa mãe batia transelin, tia Severina passava mamucaba e eu fui aprendendo, aí pai vinha buscar rede aqui na fábrica de Manel Lúcio, toda semana ele comprava rede. Aí levava o fardo de rede, aprontava no sítio e trazia. batia transcelin, caseava com a agulha, aí fui aprendendo, aprendendo...aí quando eu me formei que vim pra rua aí pronto (Dona Cleonice).*

O fato de integrar e crescer dentro do espaço de fabricação da rede de dormir fomenta um lado afetivo muito forte. Refletir sobre a fabricação das redes remete às minhas origens familiares em São Bento, na Paraíba, e promove memórias sobre a minha infância, como um dia em que pedi para minha tia deixar estampar o tecido, mas, por ser criança, ela me falou que eu poderia sujar a rede, e que, portanto, não

teria como limpar caso eu fizesse algo errado. Além do processo de estampar a rede, algumas recebiam um desenho e bordado. Estes, em caso de erros, era fácil de corrigir, e foi o que ela me ensinou naquele momento.

Me recordo bem de minha tia Dona Joscilene, chamada carinhosamente por mim de “tia fofura”, me ensinando quais casas eu deveria seguir para concluir o desenho do bordado no tecido. Minha avó, Cleonice, sempre esteve envolvida no processo de confecção da rede de dormir, compartilhando o conhecimento por meio da observação. Minha mãe e minhas tias também se inseriram no ofício de fazer as redes de dormir.

Dona Joscilene teve seu início no processo de fabricação das redes quando tinha entre nove e dez anos. Ainda criança, ela ajudava a sua tia, mãe e pai. Em nossa conversa ela recordou que iniciou fazendo o caré da rede, depois passou a entrançar e hoje ela trabalha no processo de costura.

Quando perguntei se ela gostava de trabalhar com rede, ela respondeu sem delongas *“Vixe Jefferson, é muito gratificante porque eu concluí meus estudos, mas eu gosto demais de fazer o que faço, que é costurar rede [...] Aí, isso é bom demais, eu amo fazer isso. Não é à toa que já estou há vinte e quatro anos trabalhando nessa mesma profissão”* (Dona Joscilene).

Terminar os estudos para a Dona Joscilene significa concluir o ensino médio. Algo que é bastante comum em São Bento/PB é encontrar pessoas que concluíram o ensino médio e até mesmo um curso de nível superior e conseguem conciliar a profissão com o fazer da rede de dormir. Como exemplo trago Dona Neném, uma vizinha de minha avó materna que já na fase adulta se dedicou a concluir os estudos e fez graduação em Pedagogia, mas que também, nos tempos livres, senta-se na calçada para *“enfilar as cabeças da rede”* como ela fala.

Nesta primeira parte do capítulo aponte algumas narrativas das entrevistas que pude realizar de modo presencial. Já após a segunda dose da vacina contra COVID-19, algumas entrevistas foram realizadas por meio do uso do aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Também fiz uso de dados produzidos pela pesquisadora Joycianna Medeiros (2019), no qual apresentei o modo de inserção das interlocutoras no processo de fabricação da rede de dormir, atingindo assim um dos objetivos desta pesquisa que foi analisar o modo do processo de transmissão de saberes no que concerne às técnicas de produção das redes entre as famílias.

3.2 “AÍ EU ACHO QUE SÃO BENTO FICOU DO JEITO QUE FICOU POR CAUSA DESSAS REDES”: a relação das redes com as pessoas e espaços públicos, identidades, representações e monumentizações.

A cidade reúne alguns espaços, tal como o local da antiga Feira da Pedra, que possibilitam a construção de memórias por homens e mulheres como Severina, Tânia, Cleonice, Dona Neta, Naldinha, Galego Souza, Seu Branco, Dona Terezinha, Dona Maria e tantas/os outras/os que atuaram e/ou continuam atuando na fabricação e/ou comercialização da rede de dormir.

A representatividade que a rede de dormir ganha em São Bento/PB demonstra a forte relação que existe entre as/os moradoras/es, algo que gera uma externalização do processo de identidade, pois o fato de fazer a rede é um modo de mostrar uma prática de conhecimento, e o ato de fabricar, a externalização e materialização desse conhecimento gera a identidade com a rede de dormir.

Loiva Félix (1998) ajuda a refletir a respeito da construção da identidade a partir de lembranças que fortalecem lugares e objetos. Nesse sentido, a autora considera que

A identidade associa-se também aos espaços, onde está fixada a lembrança de lugares e objetos presentes nas memórias, como organizadores de referenciais identitários. Não nos esqueçamos de que a busca de identidade(s), elemento essencial à memória, é uma das necessidades/atividades fundamentais da sociedade humana até hoje (FÉLIX, 1998, p. 42).

Maria de Fátima Martins, Ana Cecília Feitosa de Vasconcelos, Eliana Monteiro Moreira e Gesinaldo Ataíde Cândido (2007) destacam alguns momentos que puderam contribuir para o desenvolvimento da fabricação da rede de dormir em São Bento/PB, no qual, segundo as/os autoras/es:

[...] a instalação em 1940 da primeira usina de beneficiamento do algodão; a fábrica de redes São José construída em 1961; a instalação em 1964 dos primeiros teares elétricos; e o início da comercialização em 1970, com a venda de redes para outros estados, transportadas através de um. Após a década de 1970, as empresas têxteis de São Bento passam a explorar novos mercados, vislumbrando novas perspectivas para ampliação do setor. A comercialização foi ampliada em 1986, a partir da construção da BR PB 110 e da criação da “feira da pedra” para a comercialização de redes (compra, troca e venda). Em 1992 houve a instalação da Fiação São Bento Têxtil, facilitando o acesso da matéria-prima aos fabricantes de redes. (MARTINS *et al.*, 2007, p. 48)

Esse desenvolvimento industrial, apontado por Martins *et al* (2007), bem como também por Santos (2012), teve importância central para que São Bento/PB se tornasse uma potência regional na fabricação e comercialização da rede de dormir. Mas é válido ressaltar que a comercialização da rede de dormir ocorre desde antes mesmo de São Bento tornar-se município. Ainda enquanto vila e pertencendo ao território de Brejo do Cruz/PB, o momento de comercialização já existia<sup>25</sup>, não sendo ainda nominada por Feira da Pedra, mas, segundo José Bolívar Rocha (1983),

[...] a pequena vila passou a ter **uma feira mensal e, posteriormente**, semanal. Elevada à condição de distrito do vizinho município de Brejo do Cruz por volta de 1930, obteve sua emancipação a 29 de abril de 1959, com a instalação da prefeitura a 30 de novembro do mesmo ano. O primeiro prefeito, nomeado pelo Governo do Estado, era o maior comerciante de fio da localidade (ROCHA, 1983, p. 62. Grifo do autor).

A lembrança da Feira da Pedra, local onde eram comercializadas as redes de dormir até o ano de 2018, aparece em todos os relatos das/os interlocutoras/es desta pesquisa. São memórias construídas a partir de relações de sociabilidade que o espaço físico propiciou a elas/es. Dona Neta guarda memórias do tempo em que as redes eram vendidas na Feira da Pedra, "*Era um monte de banco lá no meio da rua e o povo vendendo na feira*". Minha tia, Severina, em nossa conversa, fragmentada<sup>26</sup>, conseguiu revisitar e narrar alguns episódios que ainda têm guardado em sua memória. Mesmo com seus 82 anos ela recorda, numa conversa informal, que após a rede ser feita,

[...] *ia vender na peda (leia-se pedra), na segunda, nós [ela e Nice, minha vó] botava [a rede] na carroça de mão e nós levava, ela levava um pedaço e eu levava outro. Ali pra banda da igreja. Fazia era dinheiro meu povo. E as muieres vendendo aquelas toalhinhas. Fazia dinheiro meu fi. Chegava lá de manhã, nós ia arrumar as rede na carroça, drobar as rede pra botar na carroça pra levar. Saía de frente da casa de finado Jozinho, pra banda da igreja. Ficava até 11h, levava só água, nois fazia o lanche lá. Ai que não vendia tudo, nós vortava com a rede, umas quatro, umas cinco, na carroça, nós vortava pra ir na segunda, ai aprontava as ota pra misturar com a que nós trazia e levava. (DONA SEVERINA).*

Dona Tânia lembra de alguns momentos e situações específicas que passou quando armava sua banca para comercializar a rede. Durante nossa conversa,

<sup>25</sup> A venda da rede de dormir já existia, mas ainda não era no espaço que viria a ser chamado Feira da Pedra

<sup>26</sup> Considerei a conversa fragmentada, pelo fato de que começava a conversar com sobre rede, porém ela entrava em outros assuntos e assim tiveram momentos que ela não falava nada, mas referente a rede de dormir e vagava em outras memórias.

perguntei a ela como era a rotina quando a feira era no centro, ou melhor, na Pedra, ela respondeu com um sorriso largo no rosto “*Ave maria! Era muito bom, eu amava*”, e seguiu:

*[...] acordava umas 04h da manhã, meu marido ia na frente umas 04h, pra montar a barraca de ferro, porque assim, tinha a pequena que estudava aí ele ia na frente, aí montava a barraca de ferro, botava o pano cobrindo, tinha a banca, aí minha banca tinha tudo, eu tinha manta, tinha rede mais barata, tinha várias opções de rede.*

*Pra venda de feira, eu amava, nunca fui pra feira pra não descolar, aí fazia a fila, tinha outra banca embaixo, aí arrumava as opções de rede que eu tinha pra quando o cliente chegar eu dizia “ói, ói, tem dessa”, botava na barraca armava, né. Aí o cliente escolhia: - “eu quero dessa com essa varanda” aí eu ia praquela filinha, ele escolhia. era tudo bem organizadinho*

*O cliente ia ficando, aí olhava, aí eu dizia: - “vamo comprar rede?” aí as vezes dizia “não, vou lá na frente”, porque sempre o povo quer pesquisar mais na frente, aí dizia ‘oh meu Deus esse não vem mais não’, aí eu sempre chamava pra olhar, dizia que a mercadoria era muito boa, minha rede é muito bem feita, tudo bem feito, tudo com cordão grosso, aí ali eu ia levando, aí eu mostrava, tirava a rede, mostrava varanda, mostrava que era de manucaba, que era com quatro costuras, que o punho era grosso, pronto, ali o cliente já ficava satisfeito, às vezes levava, às vezes dizia ‘não, vou mais na frente’, o povo tem uma história de ir olhar mais na frente da feira né, querer especular se tem mais barato, mas eu sempre dizia ‘você vai, mas vai voltar’. Vendia bem. (DONA TÂNIA).*

Essas memórias são construídas e ligadas ao que Loiva Félix (1998) chama de “lembrança das vivências”, existentes a partir da criação de laços afetivos que podem surgir por meio de grupos, gerando um pertencimento ao espaço onde eram comercializadas as redes de dormir. Deste modo, é possível compreender e perceber a Feira da Pedra como um espaço de lembrança comum aos que lá frequentavam, fazendo com que ela se configure como espaço produtor de uma memória de São Bento, onde a sociabilidade e as afirmações de identidades eram construídas. Dona Tânia está envolvida no processo de fabricação da rede desde a infância, já Dona Severina não se recorda quanto tempo passou na labuta diária da rede de dormir.

Durante minha conversa com as interlocutoras, indaguei sobre o local onde as redes eram comumente comercializadas e algumas delas, como Dona Severina e Dona Tânia conseguiram expressar e lembrar momentos que podem ter marcado a rotina de ida e vinda à feira.

**Figura 25** - Comercialização da rede de dormir na Feira da Pedra em São Bento/PB



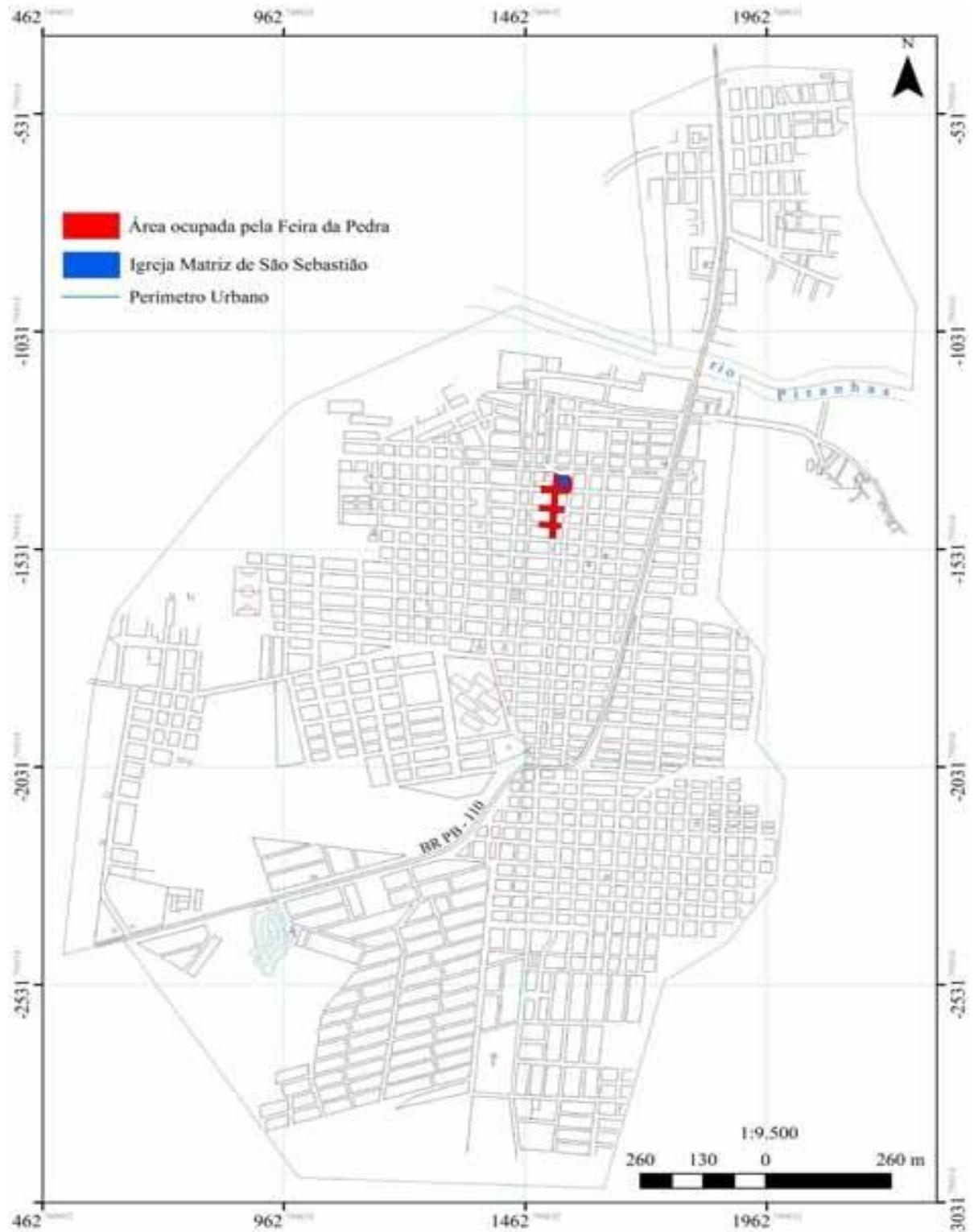
Fonte: Araújo e Mendes (2018)

Todas as pessoas que frequentavam a Feira da Pedra detêm recordações. Revisitar essas memórias não implica dizer que elas serão postas em uma sequência cronológica durante o processo de recordação. Michael Pollak (1992) afirma que as memórias sofrem flutuações e estruturação no momento da fala, além de que as falas sempre serão uma parte seletiva do que está armazenado em cada interlocutor. Segundo Medeiros (2019, p. 92),

Na feira da pedra os comerciantes da cidade, da zona rural e de cidades vizinhas se juntavam para agora fazer a comercialização das redes de dormir, posteriormente, realizar a comercialização de todos os artigos que a indústria têxtil são-bentense começou a produzir. A Feira da Pedra se tornou a maior feira livre da região por todo restante do século XX.

Assim, expor esses discursos individuais e contar essas histórias é criar e narrar, em parte, a própria história da coletividade dos que frequentavam o espaço da comercialização da rede de dormir em São Bento/PB. Essa ligação das experiências individuais com a coletividade é o que Frederic Jameson (1986, *apud* BHABHA, 1998) chama de consciência situacional. Para os são-bentenses, o lugar “*no chão, alí de frente o banco do bradesco, até perto da igreja*”, descrito por Dona Tânia, é uma delimitação importante para as/os que lá frequentavam. A existência dos comportamentos estabelecidos possibilita a ligação de identidade com o espaço. Desse modo, Bezzi (2002, p. 12) aponta que “[...] as peculiaridades do grupo social e a singularidade do lugar são os elementos que fornecem a identidade regional [...]”. Então o ato das/os vendedoras/es de rede em se reunirem naquele espaço, montarem as bancas e arrumarem as redes de dormir, de modo que seja visível às/aos compradoras/es, é um elemento que contribui para o fortalecimento da identidade local.

**Figura 26 - Localização da Feira da Pedra em 2011**



Fonte: Santos (2012)

A comercialização das redes de dormir em São Bento/PB era realizada nos dias de segunda-feira e Santos (2012, p. 44) afirma que

A origem e a existência da Feira da Pedra no espaço urbano de São Bento devem-se a diversos fatores, quais sejam: a) ao potencial do lugar (diz respeito ao volume de mercadorias têxteis que são produzidas no lugar); b) à acessibilidade (rodovias, pontes, e os diferentes meios de transportes – moto, carros, bicicleta, etc.); c) ao crescimento da atividade industrial têxtil (presença cada vez mais intensa de equipamentos técnicos mais sofisticados para o fabrico de mercadorias têxteis); d) à intersecção de produtos têxteis (nas vizinhanças de São Bento se localizam cidades que produzem mercadorias têxteis e levam até essas cidades suas mercadorias para comercializarem na Feira da Pedra); e, ainda, e) à ausência de pagamento de imposto ao poder público local.

Dona Terezinha é uma das interlocutoras da pesquisa de Joycianna Medeiros (2019). Quando perguntada sobre a troca ou comercialização da rede de dormir, ela apresenta informações do que pra ela pode ter sido o início da Feira da Pedra.

*[...] olhe, o primeiro comércio de rede... é porque eu não sei quantos anos faz que começou naquela pedra, eu me lembro ainda, eu num sei se sua mãe se lembra do finado João da Mata.*

*Que tem ali... tem aqui, você vai nessa rua ali, aqui, num é nessa rua, é bem nessa outra rua do Bradesco, que entra no Bradesco, você... num tem aquela loja?... pronto, Terezinha de Joaquim Gordo entra na avenida direto, passa, aí num tem Dedé de Delmiro ali na esquina? Sua mãe sabe, ali é João da Mata. João da Mata, a loja dele era de tecido de roupa num sabe? Aí vinha aquele povo lá da Barra de Cima, eu me lembro que a primeira pessoa que vinha era uma tal de Lucinha com rede pra... aí botava lá em João da Mata na calçada, aquele mói de rede, num sabe?*

*Aí essa mulher lá da Barra de Cima vinha na segunda-feira, aí botava, trazia aquele pacote de rede e botava na calçada de João da Mata.*

*João da Mata é... tinha ali... aquilo ali era dele, era de tecido, o comércio dele era vender roupa, como é? Tecido pra fazer roupa. Aí ela botava aquele mói de rede na calçada e ficava por ali, aí às vezes aparecia uma pessoa aí ela vendia. Aí foi o povo começou a ver e começou a trazer também, num sabe? E botando seus moinho de rede, e foi botando, e isso foi crescendo, e isso foi crescendo mulher, e hoje tá do jeito que tá. Você num já viu o tamanho da feira? (DONA TEREZINHA)*

Félix (1998) aponta que, a partir das vivências e dos laços afetivos, as memórias podem ser despertadas como consequência das relações de vivências do passado, enfatizando “[...] a dimensão do pertencimento social, criado por laços afetivos que mantém a vida e o vivido no campo das lembranças comuns, geradora de uma memória social [...]” (FÉLIX, 1998, p. 42).

O estado da Paraíba assim como grande parte da região Nordeste é conhecido pelo ritmo do forró. No período dos festejos juninos alusivos aos santos São João e São Pedro é bastante comum que haja festas para confraternização e socialização da comunidade. Se tratando de São Bento/PB, o governo municipal anualmente promove o “Arraiá Balançando a Rede”. A nomenclatura faz alusão a rede de dormir e as peças publicitárias de divulgação, por exemplo, fazem uso das diferentes referências às redes, conforme mostra a Figura 27- arte de divulgação do arraiá balançando a rede.

**Figura 27** - Arte de divulgação do arraiá balançando a rede



Fonte: Prefeitura Municipal de São Bento/PB (2022)

O portal por onde as pessoas passa para o Arraiá também é caracterizado com os elementos que compõem a presença da rede de dormir na paisagem cotidiana das pessoas, como mostra a Figura 28

**Figura 28** - Portal de entrada do arraiá balançando a rede



Fonte: Festar Muito (2016)

O evento ocorre na praça de eventos da cidade, que fica localizada na Rua Velha, e recebe este nome por ser a primeira rua onde se iniciou a cidade. Na

programação constam apresentações de quadrilhas juninas, forró pé de serra, comercialização de comidas típicas derivadas do milho, como a canjica, pamonha e o próprio milho assado ou cozido. Além, também, de proporem um espaço cinematográfico (Figura 29 - Espaço cinematográfico montado do arraiá balançando a rede de 2019) apontando algumas edificações da cidade como o prédio da prefeitura, a igreja católica, a escola estadual Fausto Meira, o shopping das redes e o mercado público.

**Figura 29** - Espaço cinematográfico montado do arraiá balançando a rede de 2019



Fonte: Prefeitura municipal de São Bento/PB

A cidade cinematográfica montada dentro do espaço do *arraiá*, fazendo alusões a edificações, detém significados que podem ser considerados relevantes para os que residem em São Bento/PB. Por representarem prédios que despertam sentimentos e lembranças a partir de símbolos que compõem a cultura local. Nesta perspectiva, pode-se considerar que o espaço de realização da Festa do Arriá Balançando a Rede possibilita:

[...] reunir diversos elementos diferenciados que constituem a cultura nordestina e sintetiza várias manifestações dispersas no interior do imaginário social da cultura regional. Quanto mais ela consegue agrupar e integrar esses elementos sem fugir de suas formas identitárias, mais é considerada autêntica, pois, assim, consegue representar os valores e os sentimentos de pertença do grupo regional (MORIGI, 2005, p. 4).

E assim como em Campina Grande/PB, onde ocorre o maior São João do Mundo, em São Bento/PB, por meio da estrutura montada para a Festa do Arriá Balançando a Rede que, de certa maneira, performa o que Morigi (2005, p. 12) definiria como o “[...] resgate da tradição, do passado, das raízes identitárias e dos

valores da cultura nordestina, transforma-se e é reelaborado, recriado, reinventado e inventado com base no hibridismo cultural.”

Nesse sentido, a festividade é um momento propício para revisitar a história por meio de algumas edificações que determinam momentos historicamente importantes para a cidade. Assim como a festa “Arraiá Balançando a Rede”, a “Festa do Caminhoneiro” que ocorre anualmente todo dia 31 de dezembro é um momento de confraternização entre as/os residentes de São Bento/PB. A festa do caminhoneiro é oportuna para um reencontro entre as/os que viajam levando as redes de dormir para além de São Bento/PB.

**Figura 30** - Arte de divulgação da festa dos caminhoneiros de 2015



Fonte: Grupo Caminhoneiros de São Bento.

O evento já é uma tradição no município e, segundo o Cliton Medeiros (2018), a festa é organizada a partir de financiamento coletivo de empresários e amigos, além do Grupo Caminhoneiros de São Bento (GCSB)<sup>27</sup>. A Festa dos Caminhoneiros gera uma grande movimentação na cidade sempre no último dia de cada ano, e reúne expressivo número de caminhoneiros da cidade, que são os grandes protagonistas da festa.

<sup>27</sup> Disponível em:

[https://web.facebook.com/GrupoCaminhoneirosdeSaobento/photos/?ref=page\\_internal](https://web.facebook.com/GrupoCaminhoneirosdeSaobento/photos/?ref=page_internal). Acesso em: 10 mar. 2022. Acesso em: 12 abr. 2022.

Um fato que considero importante destacar desse momento festivo é que no decorrer da programação há uma carreta com os caminhões que transportam as redes de dormir. O percurso atravessa algumas ruas da cidade, e nelas são postos *banners* contendo as fotos das/os corretoras/es (pessoas que saem de São Bento/PB para comercializar a rede de dormir) e de caminhoneiros que já faleceram como forma de homenagem.

**Figura 31** - Caminhão sendo preparado para carreta com imagem do corretor Preá, já falecido.



Fonte: Grupo Caminhoneiros de São Bento (2015)

A recordação dos que já faleceram neste momento de confraternização é uma maneira que os caminhoneiros encontraram para perpetuar a imagem dos personagens importantes para o grupo, sendo, pois, um momento oportuno de monumentização e evocação do passado, como aponta Jacques Le Goff (2003).

Além disso, também é considerado um ato de externalização dos laços afetivos que foram criados a partir de vivências no grupo de caminhoneiros, havendo, assim, um momento oportuno do despertar da memória (FÉLIX, 1998). Um desses caminhoneiros é o Sr. “Preá” que era caminhoneiro e detinha também alguns caminhões, o que gerava possibilidades de emprego na cidade. Ao falecer, deixou a empresa, hoje denominada de “TransPreá”. Desse modo, a representação por meio de fotografias neste espaço pode ter vários significados.

É relevante chamar atenção para as demais homenagens a outros caminhoneiros e demais pessoas que contribuíram e/ou integraram o grupo de caminhoneiros. Desse modo, posso compreender esta ação sendo composta de alguns “campos de significados” (HALBWACHS *apud* BARROS, 1989, p. 30), sejam por relações afetivas ou empregatícias.

Homenagear pessoas dando nome aos espaços públicos pode ter valor memorável que dialogue com a narrativa local (GUIMARÃES, 2002). Sendo assim, foi proposto uma homenagem a Francisco Severino de Souza, conhecido popularmente como “Terção” corretor. Corretores é como são chamados os homens que saem de São Bento/PB para venderem as redes de dormir fora da cidade. O fato de darem o nome de Terção ao espaço de comercialização da rede de dormir é uma maneira de manter a imagem e o nome da pessoa perpetuada na cidade, o que pode ser considerado como feito de “monumento intencional” (RIEGL, 2005), ou seja, é quando existe a homenagem de pessoas por meio de monumentos intencionais.

**Figura 32** - Fachada do Shopping das redes Francisco Severino de Souza “o Terção”.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Confesso que nas idas à São Bento/PB não costumo frequentar muitas vezes o Shopping das Redes, porém, na minha ida em 2022, visitei o espaço e constatei um dado que havia esquecido. Cada corredor do espaço, separados como ruas, recebeu o nome de um tipo de rede, e isso enfatiza uma relação de identidade local com a rede

de dormir. Compreendendo o circuito do fazer e comercializar a rede de dormir como uma prática social, Sandra Pesavento (2007) aponta que a prática social também é modo de afirmar a identidade.

**Figura 33** - Placa de sinalização interna no Shopping das redes indicando a rua rede São Bento



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

**Figura 34** - Área interna do Shopping das redes com sinalizações das ruas com nomes de tipos de rede de dormir.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Pensar a rede de dormir enquanto monumento possibilita compreender a presença dela no cotidiano local e a relação de identidade e afetividade gerada a partir

da produção da rede de dormir com as/os que moram em São Bento/PB. Desse modo, podemos apreender estas representações simbólicas que refletem uma manifestação de identidade e pertencimento por meio de monumentos e termos que remetem à rede de dormir, a exemplo da Praça do Redeiro - o portal de entrada da cidade -, letreiro em praça e até mesmo em lanchonete que nomina os lanches por tipos de redes de dormir.

**Figura 35** - Monumento na Praça dos Redeiros.



Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

**Figura 36** - Letreiro em “Eu amo São Bento” na Praça dos Redeiros.



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 37** - Lanchonete com nomes de lanches fazendo menção aos tipos de redes de dormir.



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

**Figura 38** - Árvore de natal feita de varanda montada na Praça do Redeiro em período natalino.



Fonte: Noema Santos Brasil (2013)

**Figura 39** - Árvore de natal feita com rede de dormir montada na Praça do Redeiro em período natalino.



Fonte: Grupo São Bento (2011)

A segunda parte deste capítulo foi dedicada a reflexões sobre os dispositivos de reconhecimento e representações identitárias vinculados às produções de redes de dormir. Socializar com as/os leitoras/es desta pesquisa o quanto a rede de dormir ganhou espaço na cidade de São Bento/PB é um dos objetivos desta pesquisa, no qual busquei localizar alguns dos elementos que afirmam o sentimento de pertença com o lugar e em especial com a prática de fabricar as redes.

Sendo assim, aqui busquei compreender as representações dadas às redes de dormir e sua utilização nos espaços apropriados pelas/os redeiras/os em São Bento/PB, como, por exemplo, a Feira da Pedra e a Praça do Redeiro.

#### **4 DAS MEMÓRIAS DE TECELAGEM DAS REDES À REFLEXÕES: tecendo algumas conclusões**

A escrita de cada parágrafo desta pesquisa proporcionou um encontro de gerações. Ouvir minha mãe, minhas tias, minha avó e demais interlocutoras/es possibilitou um conhecimento mais afincado da minha própria história. Eu já tinha ouvido idosas/os falando a respeito de como era São Bento/PB antes da emancipação política e que a rede de dormir já era presente, mas poder ter acesso a essas informações de modo mais detalhado me enriqueceu sobre o tema.

A cidade de São Bento/PB é localizada no sertão paraibano, estando à cerca de 400km da capital João Pessoa/PB e é um dos municípios responsáveis pela produção da rede de dormir o que oportuniza ser conhecida e chamada como a “capital mundial das redes”, pela notável produção da rede dormir.

Buscando direcionar esta pesquisa, pensei numa metodologia que está descrita como sub tópico da Introdução. Seguindo uma abordagem qualitativa, busquei nesta pesquisa recursos metodológicos que pudessem me dar aporte para atingir os objetivos específicos que foram os de acessar as memórias das pessoas entrevistadas, buscando compreender a relação com a produção da rede de dormir, e assim bebi do método de história de vida, partindo de uma conversa semiestruturada, no qual também pude compreender como se dava o processo de transmissão do saber fazer a rede de dormir.

Fazer etnografia durante a pandemia trouxe desafios únicos e uma adaptação criativa dos métodos de pesquisa tradicionais. As restrições de distanciamento social, o fechamento de locais públicos e as preocupações com a saúde tornaram-se difíceis de viver presencialmente em São Bento/PB.

A pandemia fez surgir uma reconfiguração dos métodos de pesquisa etnográfica, o que me fez explorar alternativas para continuar o trabalho de campo. Uma das estratégias adotadas foi a utilização de recursos digitais, como o aplicativo de comunicação WhatsApp para fazer e manter o contato e interação com as/os interlocutoras/es da pesquisa.

Durante o processo de escrita busquei sempre resgatar minhas memórias que estivessem relacionadas a rede de dormir e o dia a dia de São Bento/PB explorando minhas experiências e vivências locais, deste modo pude estruturar a pesquisa em quatro capítulos, sendo o último este que conta com uma revisitação ao que foi

abordado nos capítulos anteriores somado a algumas reflexões e indicações de pesquisas possíveis de serem realizadas sobre o tema rede de dormir.

Na introdução apresentei temática da pesquisa, que se concentra na rede de dormir. Além disso, o campo da pesquisa é delineado, explicando como foi escolhido e quais motivos levaram a essa escolha. Relembrando. Minha família é de São Bento/PB e a produção da rede de dormir esteve presente durante toda a minha infância. Nele detalhei os métodos que foram empregados para viabilizar a realização da pesquisa, sendo a etnografia a abordagem utilizada para o processo de produção de dados e escrita.

O livro “Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica” de Luís da Câmara Cascudo (2003) foi o referencial mais comum que encontrei quando estava pesquisando sobre a rede de dormir, o que me fez também utilizá-lo por poder contribuir e dialogar com a desenrolar de minha escrita. Abordei esta obra no segundo capítulo no qual é possível compreender a relevância cultural e a diversidade de usos que esse objeto tradicional possui nas diferentes localidades do Brasil, o que permite uma compreensão mais abrangente da importância da rede de dormir na sociedade brasileira e como ela se tornou um elemento presente em diversas culturas e comunidades ao longo do tempo.

Apresento também no segundo capítulo sobre o campo de pesquisa, no qual detalho sobre o papel central da rede de dormir em São Bento/PB, bem como as vivências e transformações urbanas associadas a essa atividade, ampliando o conhecimento sobre a importância cultural e econômica dessa tradição da produção local. Além de detalhar as diferentes fases da produção da rede de dormir em São Bento/PB, fornecendo uma visão abrangente do processo de fabricação. Trouxe falas de interlocutoras/es que vivenciaram a realidade de São Bento/PB ainda quando era uma vila e essas vozes locais enriqueceram a pesquisa com perspectivas valiosas sobre algumas transformações urbanas associadas à fabricação das redes de dormir.

A pesquisa atinge um dos objetivos no terceiro capítulo no qual eu direciono para os espaços que a atividade de fabricação da rede de dormir ocupa em São Bento/PB. Esses espaços são destacados devido à sua relevância e contribuição para o baixo índice de desemprego na cidade, além de desempenharem um papel importante na preservação e integração das histórias e memórias locais.

Por meio das entrevistas acesso pude acessar memórias das pessoas envolvidas no processo de fabricação da rede de dormir em São Bento/PB, incluindo

relatos minha mãe, tias, avó e outras interlocutoras, no qual relataram sobre experiências de vida, modos de aprendizagem e identidades associadas a produção da rede de dormir.

As entrevistas revelam não apenas suas histórias pessoais, mas também o modo de aprendizagem que esses indivíduos adquiriram ao longo de suas jornadas no processo de fabricação das redes. É por meio desses relatos que se torna possível compreender os dispositivos de identidade encontrados na cidade, que estão intrinsecamente relacionados à cultura da rede de dormir.

Os espaços significativos mencionados, como a Praça dos Redeiros, a Festa dos Caminhoneiros, o Arraiá Balançando a Rede e a antiga Feira da Pedra, hoje chamado de Shopping das Redes, são explorados para entender como estão associados à atividade da rede de dormir e como eles têm papel central na preservação da cultura local. Esses lugares funcionam como marcos culturais e sociais que mantêm vivas as tradições e memórias ligadas à fabricação e ao uso das redes na cidade.

A partir dessa pesquisa é possível perceber que a inexistência de uma associação de redeiras e redeiros em São Bento/PB, bem como falta de articulação quanto oferta de cursos pelas pessoas que dominam o processo de feitiço com o intuito de perpetuar a tradição do fazer a rede. Bem como observar que o processo de

Por meio das entrevistas que esta pesquisa possibilitou, é perceptível compreender que as habilidades do feitiço da rede de dormir se dá a partir de uma aprendizagem muitas vezes observativa, gerada pela interação na participação do processo de fabricação da rede de dormir e que a observação guardada em cada lembrança desperta memórias que são repassadas em conversas de calçada.

Para além das memórias ocasionadas no percurso de aprendizagem da fabricação da rede de dormir, ela também desperta memórias naquelas/es que a utilizam como produto final. Em conversa com um amigo, trocando ideias sobre o tema desta pesquisa, ele relatou que, ao deitar em uma rede e se embalar, recordava de seu avô, pois sempre o balançava. Com este relato, fico pensando as possibilidades de memórias que a rede de dormir permite que sejam acessadas.

As memórias envoltas da rede de dormir têm seu valor sentimental e pessoal. Por ela e nela muitas histórias já foram vivenciadas e possibilitam o recordar quando acionadas.

Esta pesquisa muito me foi cara pela possibilidade de acessar memórias de pessoas da cidade onde nasci e originou-se minha família. Ouvir familiares e conhecidas/os revisitando suas memórias que juntas formam a memória coletiva utilizada para contar sobre o desenvolvimento regional me possibilitou um encontro com minha própria história. Isso porque grande parte de meus familiares também têm vínculo e/ou residem em São Bento/PB.

As entrevistas revelam não apenas suas histórias pessoais, mas também o modo de aprendizagem que as/os interlocutoras/es adquiriram ao longo de suas jornadas no processo de fabricação das redes. É por meio desses relatos que se torna possível compreender os dispositivos de identidade encontrados na cidade, que estão intrinsecamente relacionados à cultura da rede de dormir.

Diante das memórias envoltas à rede de dormir, a cidade de São Bento/PB detém de alguns espaços e momentos festivos que remetem ao produto rede de dormir. A Praça dos Redeiros é um espaço de sociabilidade bastante utilizado pelas pessoas que moram na cidade, nela constam restaurantes, bares, sorveterias e espaços de jogos. Para além da Praça, a cidade tem a rede de dormir representada e presente em espaços distribuídos pela cidade e postas como objeto de ornamentação como no período do Natal, tendo a árvore construída por redes de dormir, a ornamentação do Arraiá Balançando a Rede, festa de São João fora de época, também traz a rede instrumento de ornamentação.

Observo que esta pesquisa possibilita ramificações para início de outros estudos e ações que podem ser desenvolvidas. Realizar o registro da rede de dormir fazendo uso do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) por meio do uso da ficha de identificação de ofícios e modos de fazer, gerando um banco de dados temático sobre a rede de dormir e São Bento/PB, especificando e detalhando as tipologias de rede que são fabricadas na cidade.

Compreender como a rede de dormir, sua história e significado cultural vem sendo inserida na educação básica no município de São Bento/PB, também pode ser um estudo a ser desenvolvido e em paralelo a este possibilitar a estruturação de um espaço de memória onde seja possível a circulação de escolas gerando deste modo uma interação dos alunos com a própria história.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Ivanilda Teixeira do. **O SABER-FAZER DA TECELAGEM MANUAL DAS REDES DE DORMIR DE PEDRO II-PI:** uma proposta de Inventário Participativo–TeMa. 2017. 253 f. Dissertação (Mestrado em Arte, Patrimônio e Museologia) – Universidade do Piauí, Parnaíba, 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/64105233-O-saber-fazer-da-tecelagem-manual-das-redes-de-dormir-de-pedro-ii-pi-uma-proposta-de-inventario-participativo-tema.html>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ARAUJO, Ericleuson Cruz de.; MENDES, Raphaella Ferreira. Nos embalos de uma rede: um balanço das relações estabelecidas pela economia têxtil na cidade de São Bento/PB. *In: Reunião Brasileira de Antropologia - RBA*, 31., 2018, Brasília. **Anais [...]**. Brasília, 2018.

ARAUJO, José Luis Lopes. **As transformações na produção artesanal de rede-de-dormir no nordeste brasileiro e suas relações com a reprodução do espaço.** 1996. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. doi:10.11606/T.8.1997.tde-01122015-185518. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-01122015-185518/publico/1996\\_JoseLuisLopesAraujo\\_VOrig.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-01122015-185518/publico/1996_JoseLuisLopesAraujo_VOrig.pdf). Acesso em: 2 abr. 2021.

AUGRAS, Monique. Prefácio. *In: GLAT, Rosana. Somos iguais a vocês: Depoimentos de mulheres com deficiência mental.* Rio de Janeiro: Editora Agir, p. 11-15, 1989.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2277/1416/3756>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.** Tradução: Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Editora Hucitec, 1993. Disponível em: <file:///C:/Users/Kelly/Downloads/267019202%20BECKER%20Howard%20S%20Metodos%20de%20Pesquisa%20Em%20Ciencias%20Sociais%20Corrigido.pdf>. Acesso em: 22 maio 2021.

BEZERRA, Francine Soares. **A rede de dormir e os viajantes:** cultura material e contribuições do olhar estrangeiro através das imagens. 2018. Dissertação (Mestrado em História da Arte) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa De Pós-Graduação em História da Arte, Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/294816286.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BHABHA, Homi K. Disseminação – O Tempo, a Narrativa e as Margens da Nação Moderna. *In: BHABHA, Homi K. O local da cultura.* Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 198-238.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. **As semelhanças, diferenças e interações dos circuitos de fluxos sócioespaciais de redes de dormir do nordeste brasileiro**. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2011. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/6028/1/arquivo2485\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/6028/1/arquivo2485_1.pdf). Acesso em: 11 abr. 2021.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. GÊNERO, TRABALHO E INTERAÇÃO NOS MEIOS TÉCNICOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE REDES DE DORMIR DE SÃO BENTO-PB. **Formação (Online)**, [S. l.], v. 1, n. 21, 2014. DOI: 10.33081/formacao.v1i21.2348. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/2348>. Acesso em: 27 jun. 2021.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. **Produção do espaço e circuito de fluxos da indústria textil de São Bento-PB: do meio técnico ao meio técnico- científico-informacional**. 2006. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/6944>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre; DE SÁ, Alcindo José. As multiterritorialidades dos centros produtores de redes de dormir da região nordeste brasileira e suas inserções nas redes urbanas nacional e internacional. **Revista de Geografia**, Recife, v. 24, n. 3, p. 224-238, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/228729/0>. Acesso em 20 abr. 2021.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica**. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861905/mod\\_resource/content/1/A%20Experi%C3%Aancia%20Etnogr%C3%A1fica\\_Antropologia%20e%20Leitura%20no%20S%C3%A9c.%20XX\\_Sobre%20a%20Autoridade%20Etnogr%C3%A1fica%20-%20James%20Clifford.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861905/mod_resource/content/1/A%20Experi%C3%Aancia%20Etnogr%C3%A1fica_Antropologia%20e%20Leitura%20no%20S%C3%A9c.%20XX_Sobre%20a%20Autoridade%20Etnogr%C3%A1fica%20-%20James%20Clifford.pdf). Acesso em: 20 abr. 2021.

CORRÊA, Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 22, n. 49, p. 1-18, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/147/14750845002/movil/>. Acesso em: 21 maio 2021.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

GALVÃO, Taís Freire; PEREIRA, Mauricio Gomes. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e serviços de saúde**, v. 23, p. 183-184, 2014. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v23n1/v23n1a18.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Tradução: Vera Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1364?show=full>. Acesso em: 20 maio 2021.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. Tradução: Álvaro Cabral. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GRAÇA, Carlos H. da; GALUCH JÚNIOR, Daniel. Mapa da Paraíba 1950. **Biblioteca Digital da Justiça Eleitoral**, Online, [S. l.], 2015. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/568>. Acesso em: 20 abr. 2021.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HARRES, Marluza Marques. História oral: algumas questões básicas. **Anos 90**, v. 15, n. 28, p. 99-112, 2008. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Divisão do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas**. v. 1, Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

MARTINS, Maria de Fátima *et al.* A contribuição da gestão ambiental para o desenvolvimento e competitividade do APL têxtil de São Bento/PB. *In*: ENCONTRO NACIONAL SOBRE GESTÃO EMPRESARIAL E MEIO AMBIENTE/ENGEMA, 9., 2007, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, 2007.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/3264/Hist%c3%b3ria%20oral%20como%20fonte%20-%20problemas%20e%20m%c3%a9todos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MEDEIROS, Cliton. Festa dos caminhoneiros no último dia do ano em São Bento. **Blog do Cliton Medeiros**, Online, p. [S.p.], 30 dez. 2018. Disponível em: <https://clintonmedeiros.com/2018/12/30/festa-dos-caminhoneiros-no-ultimo-dia-do-ano-em-sao-bento/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MEDEIROS, Joyciana da Silva. **Permeando teares e vivências: as transformações urbanas e os circuitos da fabricação das redes de dormir em**

São Bento/PB na ótica dos populares (1960-1990). 2019. 131f. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande – Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2019. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/28377>. Acesso em: 24 abr. 2021.

MILLER, Daniel. **Notas sobre a pandemia:** como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. Tradução: Camila Balsa e Juliane Bazzo, 2020. Disponível em: [https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2020/05/Miller\\_Como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-convertido.pdf](https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2020/05/Miller_Como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-convertido.pdf). Acesso em: 12 abr. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. *In:* MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

MINAYO, Maria. Cecília de Souza. O desafio da Pesquisa Social. *In:* MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 28 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MORIGI, Valdir José. Mídia, identidade cultural Nordestina: festa junina como expressão. **Intexto**, v. 1, n. 12, p. 1-13, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4192>. Acesso em: 20 ago. 2021.

NONATO, Clarissa Borges. **A rede nossa de cada dia:** um estudo de caso sobre a rede de dormir artesanal na Associação Xique-Xique em Pedro II. 2015. Dissertação (Mestrado em Design) - Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/17323/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20corrigida.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

NOVO, Arthur Leonardo Costa. **Famílias em transição:** uma etnografia sobre relacionalidade, gênero e identidade nas vidas trans. 2021. 415f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/47036>. Acesso em: 23 fev. 2021.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. **História Oral**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2009. DOI: 10.51880/ho.v8i1.118. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/118>. Acesso em: 27 fev. 2022.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Desafios para a pesquisa no campo das ciências humanas em tempos de pandemia da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 5, n. 14, p. 93-101, 2021. Disponível em: <http://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/download/211/221>. Acesso em: 10 maio 2021.

PAIVA, Pietra Conceição Azevedo da Silva. “**As travas de jardim são unidas**”: etnografia da performance identitária das travestis em contextos rurais e interioranos do sertão potiguar. 2020. 117f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/32822/1/Travasjardimunidas\\_Paiva\\_2020.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/32822/1/Travasjardimunidas_Paiva_2020.pdf). Acesso em: 27 fev. 2022.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**: Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 2, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Kelly/Downloads/pontourbe-1890.pdf>. Acesso em: 21 maio 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, [S. l.], 05 jan 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/3212>. Acesso em: 07 mar. 2014.

PINHEIRO, Diego Alano de Jesus Pereira. “**Minha vida por um fio**”: mobilização social e os itinerários das mulheres ribeirinhas vítimas de escarpelamento na Amazônia. 2021. 272f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/45695>. Acesso em: 10 fev. 2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 54, n. 1, 2012. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2011.38598. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/38598>. Acesso em: 10 nov. 2022.

RIEGL, Aloïs. **El culto moderno a los monumentos**. 3. ed. Tradução: Ana Pérez López. Madrid: La balsa de la Medusa, 2005.

ROCHA, Everardo Pereira Guimarães. **O que é etnocentrismo**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/colecao3a7c3a30-primeiros-passos-o-que-c3a9-etnocentrismo.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ROCHA, José Bolívar V. da. **São Bento**: estudo sobre a manufatura de redes de dormir. João Pessoa: GGS. 1983.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 11, p. 83-89, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfis/a/79nG9Vk3syHhnSgY7VsB6jG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 maio 2021.

SANTOS, José Erimar dos. **Feira livre e circuitos da economia urbana**: um estudo da feira da Pedra, em São Bento (PB). 2012. 305 f. Dissertação

(Mestrado em Dinâmica e Reestruturação do Território) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/18933/1/JoseES\\_DISSERT.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/18933/1/JoseES_DISSERT.pdf). Acesso em: 10 abr. 2021.

SILVA, Genival Soares da. **Raízes históricas do município de São Bento Paraíba**. João Pessoa: Imprell Editora, 2010.

SILVA, Josiquely Felipe da. **O processo de urbanização de São Bento-Pb**. 2014. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia - EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Catolé do Rocha, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/6620?mode=full>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SOUZA, Maria Rodrigues de. **Traçando destinos, entrecruzando territórios: sociabilidade dos redeiros de Patos-PB**. 2004. 163f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2004. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1489>. Acesso em 12 ago. 2021.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 37, p. 119-126, 2003. Disponível em: [http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342003000200014&script=sci\\_arttext](http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342003000200014&script=sci_arttext). Acesso em 10 ago. 2021.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. *In*: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

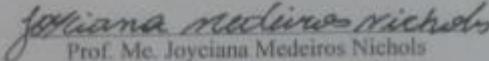
VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

**APÊNDICE**  
**TERMO DE CESSÃO DE DADOS TERCIÁRIOS**

TERMO DE CESSÃO DE DADOS TERCIÁRIOS

Eu, Jocyiana Medeiros Nichols, inscrita no Cadastro de Pessoa Física (CPF) sob nº 085.550.554-07, Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), pesquisadora da temática envolta dos "aspectos sociais e urbanísticos do trabalho de produção das redes de dormir em São Bento/PB", autorizo e dou acesso aos dados que produzi junto aos(as) meus(as) interlocutores nas entrevistas realizadas entre os anos de 2015 e 2018, ao pesquisador Jefferson Fernandes Dantas, inscrito no Cadastro de Pessoa Física (CPF) sob nº 083.433.954-41, para que possa utilizá-los, única e exclusivamente como dados para desenvolvimento de sua pesquisa de Mestrado.

De antemão informo, que todos os dados da pesquisa sob minha posse, estão devidamente documentados com termos de cessão dos interlocutores concedidos a mim, e que todos os dados também foram concedidos ao Laboratório de Documentação Histórica do Ceres/UFRN (Labordoc), para integrar o acervo historiográfico dessa instituição pesquisa.

  
Prof. Me. Jocyiana Medeiros Nichols  
Portadora Legal da Documentação

\_\_\_\_\_  
Jefferson Fernandes Dantas  
Usufrutuário da Documentação

## GLOSSÁRIO<sup>28</sup>

**Alvejamento** – Processo de preparação de fio posterior a urdidura, corresponde em uma técnica de melhoramento do chamado “fio cru” que nada mais é que o fio sem cor, áspero e de cheiro forte. Para o desenvolvimento dessa técnica são utilizados tanques de dimensões diversas, onde é despejado o fio primeiramente em uma porção de água e sabão líquido durante um período de 12 horas. Em seguida o fio é retirado para escorrer o líquido e depois é mergulhado no tanque novamente, agora em uma porção de água e cloro por um período de 4 horas. Depois o fio é retirado do tanque para escorrer novamente, e posteriormente mergulhado novamente, desta vez em uma porção de água e anilina, essa substância química é utilizada para uma melhor penetração da tinta no fio durante o processo de tingimento, logo após esse processo, o fio já alvejado é retirado do tanque e colocado para secar em varões de ferro. Esse processo serve para deixar o fio cru mais claro, retirar suas impurezas e o aspecto áspero do mesmo.

**Barcada** – O conjunto de fios, formado por cabrestilhos, esses conjuntos são colocados em uma ferramenta chamada engomadeira que servirá para levar esse conjunto de fios para o rolo que será acoplado no tear, esse fio serve para fazer a trama horizontal da rede. Depois da barcada acoplada ao tear, os fios são emendados nos liços, que consistem em um mecanismo do tear que entrelaçam os fios enquanto o mesmo vai saindo do rolo.

**Cabrestilho** – Conjunto das chamadas “24 pernas de fios” dispostos em um equipamento chamado gaiola, esses fios são juntados e levados para a urdideira, que pode ser manual ou elétrica para se cumprir o processo de urdidura.

**Caré** – Processo de acabamento da rede que ocorre paralelamente ao empunhamento, o chamado “botar o caré” corresponde à colocação de um revestimento com fio nas extremidades dos cordões da rede que vão ser encaixadas nos armadores ou tornos.

**Casear** – Consiste em uma técnica do acabamento de costurar a rede entre as tranças da mesma nas quais serão colocados os cordões para o punho.

**Empunhamento** – Fase de acabamento também denominada de “botar o cordão”, trabalho realizado em um instrumento de madeira chamado banco de empunhar, formado por quatro pernas que sustentam uma haste horizontal composta por dois pinos verticais. Durante essa fase o cordão é introduzido em todas as argolas que foram costuradas no pano, para que durante o processo de empunhamento seja alinhados os cordões que formarão os punhos da rede.

**Entrançar** – Processo de acabamento semelhante ao de *torcer*, porém neste caso, os fios das extremidades do comprimento da rede serão feitos entrançados ao invés de torcidos. No seu término, essas tranças terão a mesma finalidade de argolas, pelas quais passarão os fios do empunhamento.

---

<sup>28</sup> Descrições extraídas de Medeiros (2019)

**Espola** – Tecnicamente consiste em um carretel que será preenchido com fios, ou manualmente durante o processo artesanal, ou com o uso de máquina apropriada para o enchimento das mesmas. Essas espolas serão colocadas nas lançadeiras que serão dispostas no tear e são responsáveis pela trama vertical da rede, cada espola tece em média 10 cm de pano.

**Espuladeira** – Máquina utilizada para cumprir o processo de enchimento de espolas com fio.

**Feiteira** – Pessoa encarregada de realizar manualmente, alguns processos da fase de acabamento das redes, como por exemplo: *entrançar*, *torcer*, *casear*, passar mamucaba, fazer varanda ou franja. Com o advento da manufatura das redes de dormir em São Bento, por volta de 1940, essas etapas tornaram-se especificidade feminina, porém, na atualidade, consiste em um trabalho que não determina um sexo padrão, sendo realizado por homens e mulheres.

**Gaiola** – Aparelho utilizado para urdidura do fio, consiste em uma grade de madeira colocada no chão, com apenas alguns metros de distância da urdideira manual ou elétrica, tanto uma quanto a outra utiliza desse equipamento, que serve para dispor ao todo 48 cones de fio em seu interior, estes serão alinhados em pares para formar “24 pernas” de fio denominado de cabrestilho, isso em uma única gaiola. Na urdideira manual, só é possível a utilização de uma única gaiola, já na elétrica, a máquina pode trabalhar utilizando até três gaiolas em um único processo.

**Lançadeira** – Instrumento utilizado para colocar a espola no seu interior, depois ela será colocada em uma caixa no tear. Em um tear manual, por exemplo, o tear batelão, ela ficará sendo puxada pelo tecedor por cordões chamados de cia, esse artifício serve para entrelaçar o fio disposto dentro da lançadeira na trama vertical do pano. No tear elétrico a lançadeira não é mais puxada pelo tecedor, o processo fica todo a cargo da máquina que faz todo movimento, e o tecedor ficando apenas encarregado de preenche-la com outra espola composta de fio. No tear manual era apenas utilizada uma lançadeira de cada vez, no elétrico, são duas, quando uma seca, a outra fica trabalhando.

**Mamucaba** – Processo da fase de acabamento da rede realizado em um pequeno tear de madeira que servirá para ligar as cabeças de fios torcidas ou trançadas umas às outras, este processo é seguidamente feito depois que a rede se encontra devidamente caseada; torcida e/ou entrançada.

**Rolo** – Aparelho utilizado para enrolar o fio urdido para ser colocado no tear, tem 2 m de largura, no tear são dispostos dois rolos, um na parte traseira da máquina, que consiste no rolo preenchido com o fio, ou seja, a barcada, e outro rolo na frente do tear, que serve para enrolar o pano depois de tecido para que depois de cheio corte os panos de acordo com o tamanho da rede.

**Tear batelão** – Tipo de tear mais antigo citado pelos narradores da presente pesquisa. Tear de madeira, ou como é mais conhecido, tear de pau horizontal, utilizado pelos são-bentenses na fabricação de redes em seu modo artesanal, e em nível familiar. Era bastante rudimentar e só permitia tecer um pano de 60 cm de largura de cada vez, para a rede ficar pronta nos padrões de 1,80m de largura, eram necessários três

panos, que seriam juntados em um processo posterior de costura, por isso o nome *tear de três panos*.

**Tear de três panos** – Tipo de tear mais antigo citado pelos narradores da presente pesquisa. Tear de madeira, ou como é mais conhecido, tear de pau horizontal, utilizado pelos são-bentenses na fabricação de redes em seu modo artesanal, e em nível familiar. Era bastante rudimentar e só permitia tecer um pano de 60 cm de largura de cada vez, para a rede ficar pronta nos padrões de 1,80m de largura, eram necessários três panos, que seriam juntados em um processo posterior de costura, por isso o nome *tear de três panos*.

**Tingimento** – Processo pertencente à primeira fase da fabricação da rede, a preparação do fio, para a realização do tingimento emprega-se o uso de um equipamento elétrico, composto por um tacho de ferro, onde se acrescenta água e tinta, e por um rolo de ferro situado acima do tacho, onde o tingidor faz um movimento lateral com a massa de fio já alvejada.

**Torcer** – Processo de acabamento o qual consiste em torcer os fios dispostos nas extremidades do comprimento da rede. Esses fios, depois de torcidos, se transformarão nas argolas pelas quais passarão os fios do empunhamento.

**Torno** – Também é conhecido como armador, corresponde a um gancho de ferro colocado em paredes que serve para armar a rede de dormir.

**Urdideira** – A urdideira consiste em um aparelho de trabalho, utilizado no processo de fabricação das redes de dormir para realizar o processo de urdidura do fio. Existem dois tipos de urdideiras a manual (espécie de urdideira citada acima), que consiste em um retângulo composto por quatro traves de madeira na qual são dispostos lateralmente 24 pinos de madeira ou de ferro, onde o trabalhador, num movimento de vai e vem, vai enganchando nos pinos um conjunto de fio formado por “24 Pernas” chamadas de cabrestilho. Esse conjunto de fios, ou cabrestilho são retirados de outro elemento próximo da urdideira chamado de gaiola, local onde se organiza os fios para serem levados até a urdideira. Já a urdideira elétrica é formada por duas ou até três gaiolas onde são dispostos os fios, quando a máquina é acionada um *rolo* de ferro passa a girar enrolando o fio automaticamente, sem nenhuma intervenção do trabalhador, que servirá apenas para emendar os fios na máquina após o término de cada operação.